PORTUGAL ENFERMO
POR VICIOS, E ABUSOS
DE AMBOS OS SEXOS.

DEDICADO AO SENHOR

JOSÉ LUIZ GUERNER,

CONSUL DE S. M. SICILIANNA,

POR

JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA,

ENTRE OS PASTORES DO TEJO

JOSINO LEIRIENSE.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO 1819

Com Licença.

SENHOR JOSE LUIZ GUERNER:

QUando comecei a compor esta Obra, intitulada = Portugal Enfermo por vicios, e abusos = logo me veio á lembrança o dedicar-lha. E approveitando estas primeiras idéas, foi tal o prazer, que concebi, por huma tão acertada escolha, que parecia que com mais facilidade, e affluencia me occorião pensamentos para a ultimar.

Eu faria huma injuria á Gratidão, se me lembrasse de outra pessoa para esta Dedicatoria; quando por experiencia tenho conhecido quanto a sua curiosidade, applicação, e talentos ambicionão as minhas Producções.

Aqui me offerecia agora a minha imaginação hum vasto assumpto, para tecer-lhe o

Elogio, que merece hum homem amador das Bellas Letras, e ornado d'aquellas virtudes moraes, que tanto caracterizão o verdadeiro homem de bem. Mas fazer das suas apreciaveis qualidades huma extensa narração, seria dar por nova huma pintura ao mesmo Pintor, que a desenhou.

O Céo dilate a sua estimavel vida para consolação dos seus amigos; sendo hum dos que mais o preza, e respeita

José Daniel Rodrigues da Costa.

PROLOGO.

Nem a vaidade de ser Author, nem a presumpção de exceder os Escriptores do meu tempo, nem o desvanecimento dos repetidos elogios, que muitas Pessoas me fazem, serião incentivos bastantes para eu escrever com tanta assiduidade, como escrevo. Não me ufanão semelhantes apavonações; porque o deixar-me possuir destes fôfos sentimentos seria em mim huma bem notada mania.

Devem capacitar-se os meus amabilissimos Leitores que o meu genio, hum pouco propenso ás Bellas Letras, e mais que tudo, o muito, que prezo quanto he honesto, e civíl, he que me desafia a desembainhar a espada da Critica contra os vicios em todas as minhas Obras, acutilando estes, e poupando com tudo os seus adoradores.

He por tanto que exponho ao Público esta Obra dos achaques chrónicos, com que o tempo tem contaminado os antigos, memoraveis, e bem acceitos costumes do nosso Portugal; que quanto mais se reprehendem os d'ago-

ra, tanto maiores elogios se fazem aos passados.

Tem os vicios, e os abusos chegado ao maior auge na presente época em ambos os sexos. Não se lhes acha mediania; e neste labyrintho de cousas não fica ao homem, que bem pensa, mais que os dois refrigerios: ou de chorar, ou de rir dos destemperos deste Seculo nos excessos, que se observão no luxo, nas educações, e no viver de agora.

Com effeito eu vejo os tempos bem desgraçados para composições de qualquer natureza. Nos principios do Seculo dezoito houve muito quem escrevesse, porque havia muito quem lêsse; depois ainda houve muito quem lêsse, e menos quem escrevesse; mas presentemente nem ha quem escreva, nem quem lêa; porque as minimas cousas, que apparecem, nem essas mesmas se gastão.

Vamos porém sempre compondo alguma cousa para huma parte da mocidade bem morigerada, que ainda se encontra tanto nesta Cidade, como por essas Provincias; Rapazes applicados, de perfeita educação, e que faz gosto ouvillos na sociedade: com estes me entenderei; em quanto os outros entregues ás desenfreadas paixões, que os illudem, se fazem verdugos de si mesmos. Sobre estes he que reca-

he a critica desta pequena composição, que desenvolve os achaques de Portugal, causados pela epidemia dos vicios, e abusos de huma grande parte de gente.

Leitor, perdôa aos defeitos da Obra; mas não perdões aos teus, para não seres contado no catalogo dos viciosos: compra, e lê, que he o melhor modo de saberes quanto isto

Vale.

PORTUGAL ENFERMO

PELOS VICIOS, E ABUSOS.

Os escritos que saê da mão fóra
Tantas Sentenças tem, tantos Ledores,
Assim Miranda o canta, assim o chora.
Sempre a verdade achou murmuradores;
A mentira que damna, e lisongea
Sempre (em pouco saber) grandes favores.
Berdard. Cart. XV.

PORTUGAL, Portugal! Eu te lastimo!
E bem que velho sou inda me animo
A mostrar-te os defeitos, e os excessos
Dos costumes, que tens já tão avessos
Dos costumes, que tinhas algum dia,
Quando mais reflexão na gente havia.
Tu de estranhas Nações foste invejado;
Hoje faz compaixão teu pobre estado:
Cada vez te vão mais enfraquecendo,
Todo o brilho, que tinhas, vais perdendo:
Paraiso do Mundo te chamavão;

As mais Nações com tigo se animavão;
Ellas porém ficárão sans, e fortes;
E tu a todo o instante exposto aos córtes
Da usura, da ambição, da falsidade,
Do egoismo, da fuga, da impiedade:
Males, que aos que bem pensão causão tedio,
A que apenas descubro hum só remedio,
Que outro melhor não ha, a que se apelle,
E muita gente chora a falta d'Elle *....

Portugal, Portugal! Eu te lastimo!
E o pezar, que me causas, mal reprimo!
Estás presentemente na figura
Do enfermo, que não póde com a cura,
Por ter molestias taes tão complicadas,
Que parte das receitas são baldadas.

Vai aos banhos do mar a Dama bella,
Porque delles precisa, ou por cautela;
O Velho busca estuporado as Caldas,
E alli da mocidade purga as baldas,
Consegue movimento em braço, e perna,
E a perdida cabeça já governa;
Frouxo Taful, que tem debilidade,
Por excessos de toda a qualidade
Recorre ás infusões d'aquacia, e quina;

*.... A desejada vinda dos nossos Soberanos.

Mas tambem pouco e pouco se defina,
Se não acautelou mais a saude,
E não tem depois disto quem o ajude;
Todos a tempo buscão curativo,
Para vêr se em seu mal tem lenitivo:
E só tu, Portugal, chegaste a estado
De seres paralitico entrevado!
Todos de fóra vem sangue tirar-te;
Porisso nada póde aproveitar-te.
Os Estrangeiros, que a Lisboa chegão,
Te vem bichas deitar, e todas pegão,
Sempre em proveito seu com abundancia,
Té ficares de todo sem sustancia.
Medicina não sei, mas tenho lido
Dois Livros, que me tem muito instruido,
Hum da propria exp'riencia, outro do mundo.
E só nesta lição he que me fundo,
Para bem conhecer por estes meios
Tanto os achaques meus, como os alheios.
Ora antes que de todo a vida exhales,
Ouve parte da origem de teus males.

Eu vejo de alguns homens apartados
Os deveres mais puros, e sagrados;
Atropellada a honra, a probidade,
A razão, a decencia, a sãa verdade:
Isto por homens, que apparencias tem
De honrados, de Christãos, de homens de bem.

Eu vejo o feroz crime a garra alçando;
Os trêfegos viventes subjugando,
Só a fim de os trazer ao seu partido,
Deixando o bom caracter corrompido.

Eu vejo huns indivíduos mui sagazes,
De transtornar os outros bem capazes;
Porque com o systema de egoistas
Ao que os outros possuem botão vistas.
Lanção-lhes rede, rede que não falha,
Peixe grosso, e miudo cahe na malha,
Dizendo-nos depois, como em resposta:
Eu por aqui me sirvo, ou dei á costa.
Que em limpo Portuguez, nada confuso,
He fugir, ou quebrar, como hoje he uso.
Eu sei que hum Guarda-Livros foi chamado,
Para as Contas fazer de hum Ex-quebrado;
E como aquella quebra era segunda,
Não podia acertar-lhe bem a funda.
Té que lhe perguntou com desengano:
Com quanto quer quebrar, Senhor Fulano?
Esta pergunta prova que ha bicheiro,
Que inda que quebre, fica sempre inteiro.

Eu vejo hoje os amigos desfrutantes,
Palradores de officio, e bem fallantes,
Muito promptos em toda a patuscada;
Porém, em se occupando, tudo he nada,

De função em função, em bons jantares,
Por não ficarem vagos os lugares;
Mas que, se alguem lhes pede algum soccorro,
Virárão logo a peça para fôrro,
Fugindo de valer por amizade
Aos que fôrão da sua sociedade:
Vileza sem igual, que achar não pensa
O que tem hum vexame, ou tem doença,
Que em banquetes largou bastante a pelle;
Para nutrir os que hoje fogem delle.

Vejo homens, que de seu muito tiverão,
Que de tudo o que tinhão, conta derão
No teimoso valete, sota, e az,
Nos trez dados, que o copo saltar faz,
No grande tratamento afidalgado,
Na sege, no jardim, luzido estado,
Banquetes, sociedades, mancebías,
E outras taes, e quejandas bizarrias:
Tudo feito sem calculo seguro,
Sem minima lembrança do futuro,
Para agora se vêrem sem ter nada
N'huma vida bem triste, e desgraçada.

Eu vejo outros mesquinhos, e forretas,
Que não passão de velhas meias pretas,
Sua casaca eterna, já virada
No anno, em que a náo Cabrea foi queimada;

Ferrolhando o dinheiro no bahú,
Para que não lho leve belzebu;
Contado, e recontado na alta noite,
Porque a pedir algum ninguem se affoite.
Tudo á porta fechada sós vivendo,
Vestindo muito mal, peior comendo;
E que vive assim bem hum destes pensa,
Ou seja na saude, ou na doença;
Té que toda a reserva finaliza
Nas garras de hum irmão lá de Galliza.
Eis aqui hum dinheiro que não gira,
E por isso a outra gente não respira,
Isto he que faz que toda a casa gema;
Pois outros ricos ha de igual systema.

Vejo huns homens, que são muito abastados,
E de semblantes sempre carregados;
Caras *de sum es fui*, mas *por causar*,
Hum bom modo a ninguem sabem mostrar:
Eu bem sei que quem tem muito dinheiro,
Grosseiro fica sempre, se he grosseiro;
Porque pejada burra de riqueza
Não emenda o que vem de natureza.
Eu chamo a huns homens taes *verbos de encher.*
Vivem só de ajuntar, e de comer,
De cabeça mais leve do que a escuma,
Gosto não sabem ter por cousa alguma;
Para valer aos mais nunca tem geito,

Para si são *Dativo de proveito.*
Taes pinturas; a mal nunca se tomem
Ó que lêr, e apontar he que he máo homem.

Portugal, Portugal! eu te lastimo!
E teus flagellos na memoria imprimo!
Eu vejo homens solteiros, sem emprego,
Porém tendo de môças bom conchego;
Parece que por magica he que passão;
Pois sem que diligencia alguma fação
Por grangear a vida, a tudo acodem;
Não sei como nutrir os vicios podem!
Eu trabalho, e não vivo satisfeito;
E elles andão de corpo mui direito,
Mil aproxes fazendo á bolsa alheia,
Sem acharem tal vida indigna e feia.
Hum lhes diz: *Eu não posso*; outro: *não tenho*:
E a concluir d'aqui sómente venho
Que tem esta comedia por final
Cadêa, Portaria, ou Hospital.

Eu vejo outros sem rendas, nem officio;
Do Matrimonio entrar no sacrificio:
Marido pobretão, mulher sem nada;
Em crescendo dos filhos a manada,
O mesmo he que ter sella sem cavallo,
Casa sem tecto, e sino sem badalo.
Açabou-se huma cousa, faltão mil,

De dinheiro não ha nem hum ceitil:
Olha hum para o outro, as razões crescem;
Os filhos nús, de fome desfalecem;
Té que o Marido toma o desafôgo
De se ir metter na casa que dá jogo.
Alli se perde a noite quasi toda,
A vêr se de huma vez desanda a roda,
Com as iscas de emprestimos de Amigos,
Que só em casos taes servem de abrigos;
E a familia em cuidados, em tormento,
Que inda he peior que a falta de sustento.

Eu vejo, nestes tempos desditosos,
Povos empobrecidos, e chorosos;
Pois quando vém hum mal, outros se seguem,
Que os Mortaes atenúão, e perseguem.
Mas a pezar da falta de dinheiro,
Apparece nos bairros o gaiteiro,
As bandeiras nas cordas penduradas,
Por onde as festas são annunciadas,
Tudo feito com lustre, e com grandeza,
Foi Juiza a Senhora Dona Andreza.
Os festeiros não tem nada de seu;
Mas a festa da rua tudo deu.
Anda o velho engraçado co' os Leilões
Dos cargos, que custárão bons tostões.
Temos fogo de vistas, vistas raras,
N'hum bêco, que de largo tem tres varas;

Que huma roda, que salta em fogo ardendo;
Vem desordens fazer nos que estão vendo;
E póde muito bem a propriedade
Com fogo reduzir-se em ametade.
Estes p'rigos não são muito pequenos,
E já tem succedido mais, ou menos.
Nunca vi de dinheiro tanta fome,
Nem tantas festas de despeza, e nome.
Eu louvo, e não crimino a devoção;
Haja festa de Igreja, e bom Sermão;
Tenha a festividade do arrayal
Cousas, que fação bem, e nunca mal.
O dinheiro de máscaras, e fogo
Vá gastar-se com outro desafogo
Mais util, mais vistoso, mais louvavel
Em acudir a tanto miseravel.
Dem rações á pobreza dessa rua,
E a festa christãmente se conclua.
No lugar, em que o fogo armar se havia;
Haja comprida meza neste dia;
Hum, ou dois caldeirões de mantimento,
Que sirvão aos mendigos de sustento,
Ministrados por esses bons festeiros,
Que se fação da meza dispenseiros,
Sem tumulto, em socego, e com cuidado
No cégo, na criança, no aleijado.
Isto he que dá exemplo, he que edifica;
Deste modo a função completa fica;

E não com fogo, máscaras, e bulhas,
Tornando-se as esmolas em fagulhas.
Na terra, e Céo nada ha mais relevante,
Que acudirmos ao nosso semelhante.
Se não querem na rua estar com isto,
Fação o que eu a muitos tenho visto:
Vão ás Cadêas, que isto dá bom nome,
Repartão de comer por quem tem fome:
Arme-se em gravidade a Confraria,
Vá consummar esta obra santa, e pia;
Que disto inda se tira hum bom partido;
O mais tudo he trabalho desluzido,
Motivos de desordens, e de insultos,
Indecentes tornando aquelles cultos;
Porque destas funcções he raro o brinco,
Em que não saião prezos quatro, ou cinco.

He bem digno tambem de se notar
Andarem hoje os pobres a cantar,
De guitarra, ou viola má, ou boa
Por todas essas ruas de Lisboa.
Parece que festejão a pobreza,
Ou que ella lhes não dá muita tristeza!
Eu bem sei o ditado, de quem canta,
Seus males mais, ou menos sempre espanta;
Mas co' a Musica a fome não se cura;
E he só (bemdito Deos) de que ha fartura!

Portugal, Portugal, eu te lastimo!
E de sentir comtigo não me eximo!
Eu vejo velhos Pais cheios de vicios,
Pondo os filhos nos mesmos precipicios,
Co' os exemplos, que dão em casa, e fóra,
Sem pejo, sem cautela, e sem melhora,
Quando hum Pai deve ser (ou moço, ou velho),
Da familia de casa hum vivo espelho;
Mas se elle he o primeiro em se infamar,
Como póde a seus filhos doutrinar!
Filho houve já, que entrando no Oratorio
Aos Padres fez primeiro hum peditorio:
Que chamassem seu Pai, porque queria
Beijar-lhe a mão por fim, pois que morria,
E que só acabava descançado
Se fosse por seu Pai abençoado.
Chegou o Pai gemendo, sem conforto,
Em lagrimas banhado, e quasi morto.
Então o filho, dando-lhe hum abraço,
Desconjuntou-lhe os ossos do espinhaço;
Dizendo-lhe: Receba o pago seu
Da creação perversa, que me deo;
Quando nos armazens se embebedava,
Se tres cópos bebia, tres me dava;
Humas vezes em paz, outras em guerra;
Fazendo bordos hiamos a terra.
A's casas, em que jôgo sempre havia;
Levava-me na sua companhia;

Eu pois n'hum vicio tal sempre embebido,
Me vi pôr muitas vezes bem perdido;
Jogava o que era meu, e mais o alheio,
Até que já sem brio, e sem receio,
Achando que de meu não tinha nada,
Voltei-me para ser ladrão de estrada.
Ficar deve em memoria esta lição,
Que o bem, e o mal provém da educação.
Banida deve ser da Sociedade
Perdida, e viciosa mocidade:
Bem como nas searas acontece,
Que toda a herva inutil, que alli cresce,
Pela raiz se corta, aos pés se deita,
Por não damnar o grão, que se aproveita.

Eu vejo a mocidade brava, e louca,
Vaporando fumaças pela boca,
Mostrando da doudice o sobrescrito
No queimado xaruto por palito.
Eu vi, não me contárão, isto he certo,
Ir á Loja da Neve muito esperto
Hum tafulão Gigante pela altura,
Mas bem proporcionado na figura,
Fumando com excesso de tal sorte,
Que lançava da boca hum fumo forte:
Pedio carapinhada, e foi fumando,
Alimpando o suor de quando em quando,
O fogo com a neve a hum tempo unindo,

Pelo mesmo canal tudo embutindo:
Sahia huma fumaça lá do centro,
Hia hum gole de neve para dentro.
Mas não posso acertar bem na razão
Do fogo, e neve ter combinação!
No que se alcança bem, sem muito estudo;
Que hum taful tem guelas para tudo.

Eu vejo rapazinhos enfeitados
Mui bem nascidos, muito mal creados,
Que ficão sem estudos, e sem bens,
Tafúes de quarteirão a dois vintens,
Com hum procedimento escandaloso,
Envolto no calote attencioso,
Que com boas palavras disfarçado,
Depois de conseguido, he declarado.
Não fallemos nas bellas qualidades
De tomarem bastantes amizades;
E nas casas de bem entrada tendo,
Pouco e pouco se vão desenvolvendo,
As innocentes filhas illudindo,
Requestando, escrevendo, persuadindo;
E ellas acreditando os rendimentos,
Nas vozes, que se dão de casamentos,
Com fantasticos teres, e promessas,
Té irem de candêas ás avessas;
Porque o pai presentio, a mãi espreita;

Leva o Senhor fulano huma desfeita.
E em este penetrando o contratempo,
Cuida logo em mudar-se antes de tempo;
E vai com esta mesma synfonia
Dar Trevas para outra freguezia.
Da má educação lhe provém tudo;
Pais, que deixão seus filhos sem estudo,
Ou não escolhem Mestres com recato,
Porque só querem ir ao mais barato!

Eu vejo huns fôfos Mestres de Collegios,
Inculcando sciencia, e privilegios,
Porém jogando a Ronda co' os Meninos
Nas horas vagas dos seus bons ensinos;
Que por estas razões bem se conhece
Que entre tanto Collegio, que apparece,
Não obstante haver Mestres a cardumes,
Vão de mal em peior nossos costumes.
Os rapazes mimosos de algum dia
Apreciavão Musica, e Poesia,
Séria Dança, discreta Sociedade,
Mostrando sempre certa gravidade.
Não digo que não ha inda hoje disto;
Mas destas prendas poucos tenho visto.
Hoje ha muitos tafues com outras prendas,
Morgados de Pantana, mas sem rendas.
Só presumpção de sabios tem comsigo,

E obrigallos a lêr he hum castigo;
Até parece já, por desvario,
Que a muita discrição lhes faz fastio:
Prezão mais hum cavallo, que ande bem;
Que o melhor Livro, que hum Livreiro tem;
E o que escapa de ter esta paixão,
Vai a ser hum acérrimo Glotão
Quer biffes *a lamoda* de *planchetas*,
Cabeça de vitella, e costeletas,
A geléa da boa mão de vacca,
Que isto he que fortalece a gente fraca:
Desmancha-se depois com misturadas,
Em merendas, e outras patuscadas;
Com ranchos de solteiras, e viuvas,
Manda vir aves, hervas, ovos, uvas;
Melancias, melões, maçãs, morangos,
Nisto largão a penna os novos frangos;
Donde a cólica vem, e a indigestão,
Que, de fraqueza, os põe á Santa Unção:
Julgão que tem estomago de ferro;
Mas tarde a conhecer vem o seu erro:
Depois de relaxados, sem vigor,
E alguns co' seu raminho de estupor,
Então com mais cautela se procura
Onde a pinga haverá, que seja pura;
Vinho de Lavradio, ou Carcavellos,
Bucellas, ou Chamusca, vinhos bellos;
Porque esta Livraria fortifica,

A quem de ameijoadas * entisica.
Entenda-me o Leitor, como quizer,
No resto que a saude faz perder:
E para o bom patusca ** ter dinheiro,
Vê se póde encontrar farto banqueiro.
Assenta que he melhor, e lhe convém
Partidas de lucrar algum vintem;
Nascendo excessos taes, e tal doudice,
Da escacez do dinheiro, que já disse,
Huma escacez que faz damnos immensos,
Que os calotes, e crimes traz appensos.
Na gente má, ou boa, môça, e idosa,
A penuria geral se faz penosa:
Cada qual anda vendo o melhor meio
De achar á sua casa algum esteio;
E quando se vê muito desgraçado,
Lança-se aos vicios já desesperado;
Porque os tempos de muita Loteria,
Sortes, rifas, e jôgo em demasia,
São tempos de miseria, em cuja lida
Se perde pouco e pouco o amor á vida.

Eu vejo mil Bilhares por Lisboa,

---

* *Ameijoadas*, são noites perdidas: tirada esta palavra do Diccionario novo dos Tafues.

** *Patusca*, palavra tirada do mencionado Diccionario tafulense.

Outros tantos Cafés com gente boa,
Rapazes gigantescos, e corados,
Sem ter algum defeito de aleijados;
Tem estes mocetões o mesmo gasto
Pelas casas das Sortes, Neve, e Pasto;
E as simples Legiões na sua alçada
Apenas achão gente estropeada.

Eu vejo alguns modernos falladores,
Que em todas as sciencias são Doutores;
Fallão de Leis, sem nellas se formarem,
E de guerra, sem nunca millitarem,
Mathematicos são por nigromancia,
Porque nelles não ha senão jactancia;
Com Filosofos querem ter parelha,
Mas com Filosofia só de orelha;
E com taes espertezas sem mais fundo,
Resolvem pela sonça meio mundo.
Se vão em Gabinetes discorrer,
Sabem tudo o que ha feito, e por fazer:
Nos governos dos Reinos dão pennada,
Mas andão sempre em vida desgraçada;
Não sabem governar a casa sua,
E vão governar Reinos pela rua,
Dando planos, fingindo descubertas,
Pondo discursos vãos em regras certas,
Mettendo de Latim palavras finas,
Que mais parecem Mouras, que Latinas;

Que a tanto os pantalões se deliberão;
Quando nem *Musa musæ* conhecêrão.
Mas se alguem, com razão, lhes vai ao fato,
Em nada se tornou tanto apparato.

Outros vejo, que querem ser fidalgos,
Por irem atrás delles, como galgos;
E com justas, e herdadas Excellencias,
Querem estes tambem ter preferencias,
Enthusiasmados tanto na manía,
Que não passão sem huma Senhoria;
Por virem de Friellas, e Frieiras,
Seus Avos de Melgaços, e Melgeiras,
Que ainda destes fumos ha sinaes
Em huma sege velha sem varaes,
Que no canto da loja se conserva,
Com hum brazão pintado, de reserva.
Porém sempre he preciso ser mui tonto
Quem não vê que hoje ha nisto algum desconto;
Que altivos pensamentos, qualidades,
Alicerces de antigas fatuidades,
Hoje consistem só em ser herdeiro,
Ou a torto, e direito ter dinheiro.

Eu vejo papelões, que não passárão
Das linhas para lá, nem encarárão
Sequer com o inimigo n'hum só ponto,
Mas em tudo o que fallão vem hum conto

Do muito, que soffrêrão pela guerra,
Nadando em rios, avançando terra
Com tal fome, que atrás de tres galinhas
Os Pyrenéos subírão de gatinhas:
Que depois lá n'hum choque, que tiverão,
A hum batalhão Francez a morte derão;
Que o do zabumba só livrou a pelle,
Porque escapou mettido dentro delle.
Destas, e outras basofias apparecem:
Quando sabemos de outros, que merecem
Hum eterno louvor, eterna fama,
A quem a Patria dignos filhos chama,
Portuguezes honrados, valorosos,
Do inimigo terror, varões briosos,
Que as cicatrizes mostrão pelo peito
Com que attestão melhor quanto tem feito.

Portugal, Portugal! eu te lastimo!
Com pena de te vêr, meus versos rimo!
Eu agora he que bem tenho alcançado
Quanto de tudo estás necessitado!
Pois perdeste a sciencia, engenho, e arte,
Que te deo sempre fama em toda a parte.
Hoje vejo o teu mal, que não melhora,
Se tudo o que precisas vem de fóra.
Tens nos Collegios Mestres Estrangeiros,
Tens de muitas Nações cem mezinheiros,
Que com pós, e com balsamos subidos

Vão as bocas limpando aos presumidos;
E ainda não se dando por contentes,
Té nos querem levar da boca os dentes;
Equilibrios, Balões, e Peloticas,
Urso, e Macacos com trezentas nicas,
Figurinhas gesso, outras de cera,
Nynfa, que n'harpa em dedilhar se esmera;
A Menina, que falla pendurada,
A boa Dançarina escripturada,
Que hum par de mil cruzados vem buscar;
E nós he que ficamos a dançar!
Outra, que tem a voz quasi divina,
Como já se chamou á Zamparina;
Outro, que engole espadas brancas, pretas,
Como nós engulimos estas petas;
E outras mil subtilezas deste lote;
Vistas de praça, ou sala, ou camarote,
Com armadilhas taes vem esta gente
Na vasante esperar a grossa enchente,
E carregando vão, como as formigas,
Quanto podem tirar destas fadigas!
Só Portuguezes nunca tenho visto,
Que vão aos outros Reinos fazer disto.
Estrangeiras Modistas se apresentão,
Com letreiro á janella do que inventão;
Que as Modistas de cá, bem que trabalhão,
A' vista das de fóra já não calhão.
A ti se accolhe o pobre aventureiro;

Porque lhe basta o nome de Estrangeiro,
Para abrir loja, e ser afortunado.
Veio do seu paiz esporeado,
Chegou aqui, poz loja de vestidos;
E ficão os tafues mui bem sortidos.
Tem fato para magro, e para gordo,
Té desapparecer, pondo-se a bordo:
Caridade em tal gente sempre luz,
Pois vem a Portugal vestir os nús.
Mas dizem muitas lingoas mal dizentes
Que elles não vestem; vem despir as gentes.
Nada tem escapado, ou esquecido,
Para o metal, que tinhas, ser sumido.
Nós gememos em quanto os outros luzem;
Té barricas de pinos se introduzem;
Porque o pino de fóra, por mais duro,
Deixa o tacão mais forte, e mais seguro.
Se até vejo substancias combinadas,
Nos paizes estranhos preparadas,
Para pôr bom cherume nas panellas,
E fazer hum bom molho ás cabidellas:
E disto haverem lojas em Lisboa,
Que por caixeira tem Madama Grôa!
Eu inda espero vêr na Barra entrados
Navios com almoços já temp'rados;
Que ha de ser huma cousa bem acceita
Vir já prompto o Café, torrada feita!
Porém nós he que disto culpa temos,

Porque de nós apreço não fazemos.
Até he riso vêr, termos trocado
O traje, que entre nós foi sempre usado,
Pelos trajes de todas as Nações,
Que abandonão çapatos, e calções.
Nem a meia comprida já governa,
Anda dentro da bota nua a perna,
Como eu a boa gente tenho visto;
Os Mouros pouco mais fazem do que isto.
Vejo entrar em lugares mui sisudos
Velhos, e moços, quaes pintos calçudos,
Pantalonas; polainas de Galegos;
Só resta usarem calças, como os Gregos.
Confessemos que he este o nosso fraco;
Que arremedar he o uso do macaco.

Eu vejo pela classe dos Livreiros
Lucros tirarem só os Estranjeiros.
Que direi de Edições, que vem de fóra?
Façamos aqui pausa por agora.
Só sei que a mocidade, com deleite,
Bebe em taes livros venenoso leite;
E os Livreiros de cá postos ás moscas;
Que as obras Portuguezas são mui toscas;
O sainete não tem, nem a belleza,
Que mostra qualquer obra, se he Franceza.
Arte de cortar callos sem tisoura,
Modo de conservar a barba loura,

Às Cartas de Madama Patulher,
A Novella da Meza sem Talher:
Instrucções, e Preceitos de Dentistas,
Invento de crear galos sem cristas.
O caso he ser Francez o tal livrinho,
Que he da meza d'agora o melhor vinho.
Livreiro Portuguez apenas vende
Cartas, por onde o A, B, C se aprende,
Bilhetes, com que Boas Festas damos,
Outros de Enterro, que he que mais gastamos,
Letras de Cambio, Pautas, Taboada,
Roteiros de Pilotos, e mais nada.
Parece que ninguem já hoje estima
Composições em Prosa, nem em Rima.
Acabou todo o gosto da Leitura,
Tudo vejo mudado de figura.
Nas obras, que se imprimem (não se crê)
Ha tal, que assigna, acceita, e não as lê!
N'hum destes o trabalho se perdeo,
Que não póde achar gosto ao que não lêo.

Portugal, Portugal! tu tens comtigo
Immensa gente, de quem és abrigo,
Que devendo-te mil obrigações,
Mostrar-te sabem só ingratidões.
A primeira, que vejo praticar-se,
He nada, do que he teu, hoje estimar-se.
Fabricantes de cá morrem de fome;

A sedinha estrangeira he que tem nome.
Não valem nada Artistas Portuguezes;
Os de fóra são só as boas rezes.
As obras do Paiz não são perfeitas,
Não tem fama, ou valor, são mal acceitas;
Mas a quinquilheria de armação,
Se he de fóra, tem logo estimação,
E serve para o luxo, e para a moda,
Que Damas, e Tafúes tudo se engoda
Com estas bugiarias de tecidos
De pedraria falsa, ouros fingidos;
Té vemos entre tantas bagatellas
Os Mouros com caixotes de chinelas,
E tão bem feitas como os seus narizes,
Que bem mostrão ser obra de aprendizes.
Todos tem aqui seu manancial,
Até ficarmos todos sem real.
N'outro tempo hum Fidalgo desta Côrte,
Homem de bom pensar, e de bom porte,
Puxou por huma caixa rica, e boa,
Feita por certo Ourives de Lisboa.
Todos os circumstantes, que se achavão
Sentados ao jantar, vendo-a, pasmavão
Por tanta perfeição, lavor, e arte,
Que se lhe descobria em toda a parte.
Na mente de ser obra estrangeirada,
Foi por todos a caixa elogiada.
Logo o dono da casa mui gostoso,

Porque ficasse o Ourives mais famoso,
Conhecer mesmo alli a todos fez
Mão d'obra ser de Ourives Portuguez.
Apenas semelhante voz se larga,
Como quem prova cousa, que lhe amarga,
Hum notava d'alli certo defeito,
Outro lhe achava falta de preceito.
Então o bom Fidalgo decisivo
Os reprehendeo dizendo: Eis o motivo,
Porque a nossa Nação tanto padece,
E entre as outras Nações nunca florece;
Nós he que assim fazemos desgraçados
Homens, que devem ser eternizados;
E estes devem queixar-se com razão,
Vendo dos seus o premio, que lhes dão.

Portugal, Portugal! eu te lastimo!
Porque sou próle tua mais te estimo!
Pois não entro no rol das almas fracas,
Que a tudo, e a todos vírão as casacas!
Eu vejo formigueiros de usurarios,
Que vão muito subtís por modos varios
Movendo sagazmente a real mola,
Até tudo ficar pedindo esmola.
Some-se pouco a pouco o numerario,
Todos vão lendo o mesmo breviario;
Para a vida mui poucas cousas bastão,
As superfluas são as que mais gastão;

O luxo, os appetites, as vaidades,
A grande emulação das amizades:
Só porque usa Fulana, e traja assim,
Querêllas desbancar he logo o fim:
Isto em todas as cousas se está vendo,
Donde nasce o calote, e empenho horrendo;
Que inda vendo que os lucros não acodem,
Todos querem fazer mais do que podem:
Por isso hoje bons trastes são vendidos,
Que se herdárão de Avós mais comedidos;
Se estes das sepulturas resurgissem,
Talvez ficassem doudos do que vissem!
Destruindo-se assim, sem reflexão,
Cousas que tinhão tanta estimação;
Que antes do que as penhoras as escalem,
Vão pela terça parte do que valem;
E ainda compradores custa a achar,
Porque todos estão a jejuar.
Grande cousa he viver hoje demente,
Para não dar valor ao que se sente!
Inquietações, costumes, tempo, e mundo,
Tudo atira c'os os homens para o fundo;
Porque por mais que nadem na desgraça,
Velhice, Doença, e Morte, os ameaça:
No que passamos, temos o presagio
De ninguem escapar deste naufragio:
Porém no mar dos damnos a tormenta
Nem o Ceo, nem a terra he que a fomenta:

Huns aos outros nós mesmos atormentamos,
Com coração de bronze flagellamos:
Só o proprio interesse he que nos guia;
E pene quem penar nesta ingrezia.
Assim dando se vai cabo de tudo,
Té acabarmos todos em agúdo:
Todos vamos ficando como espetos,
Em tristes descarnados esqueletos,
Huns de calvas á mostra, outros tapadas,
Que a urgencia faz cabeças escalvadas;
Seguem-se os estupores, e malinas,
Paralysias, mortes repentinas.
Nunca vi tantos homens com achaques
Pelas repetições destes ataques.
Nestes tempos só vive satisfeito
O homem de baixa esfera, porque o peito
Não toma nem fortuna, nem desgraça;
Com o pouco, que tem, com isso passa;
Pois não pezão sobre elle obrigações
De familias com certas sujeições.
O homem de bem, de honrados sentimentos,
Vive sem ter resurça hoje em tormentos;
Vive, mas hum viver apouquentado,
Com a fome, e miseria sempre ao lado;
Porque hum pai de familias com despeza,
Vendo os recursos todos em fraqueza,
Se nas faltas, que sente, mais discorre,
Chora, pasma, esmorece, abate, e morre.

Ora seja em desconto de peccados,
Irmos todos á cova entisicados!
Para não carregarmos aos irmãos,
Que andão tambem (coitados!) pouco sãos.

Eu vejo cambiar, vender dinheiro,
Que põe quem compra, e vende de poleiro;
E os pobres opprimidos, arrastados,
Que estes são quasi sempre os cambiados.
E pegou em Lisboa o novo officio,
Com a capa de ser hum beneficio:
Tudo especulações destes Senhores
Compassivos, civís rebatedores,
Que pudérão achar seguro meio
De mostrar não querer suor alheio;
Porque *in verbo* papel a conta he justa,
Pois o vendem por menos que lhes custa;
E mostra na consciencia ser exacto
Quem compra caro, e vende mais barato.
Disto nossos Avós nunca tiverão;
Forão-se, não sabendo o que perdêrão.
Parece que por manha, ou por estudo,
Se esconde o ouro, e prata, cobre, e tudo,
A fim de com tal fome, e taes empates,
Não se acabar a praga dos rebates.
Lembro-me que na minha mocidade
Tinha o dinheiro a mesma validade;
Hoje o Papel Moeda dominante

Sempre o recebo em quarto minguante;
Pois se em metal o quero vêr tornado,
Logo he por *manos limpias* maquiado.
Porém do mal o menos, feliz eu,
Se alcançasse em Papel tudo o que he meu.
Se o dinheiro se vende assim patente,
Tambem se vende gente á mesma gente.
O Commercio afrouxou, todos se chorão,
Vendo que de fortuna não melhorão.
Tem atacado a Praça em viva guerra
Tantos Piratas, que ha por mar, e terra.
São entre nós fazendas genuinas
Chinelas, suspensorios, lamparinas,
Papeis de castiçaes, graixa a tostão,
Caixas de obrêas, bolas de carvão.
As escôvas, que dão lustros mimosos,
Porque inda não estamos bem lustrosos.
Só nisto he que se faz algum negocio,
Tudo o mais pede chuva posto em ocio.

Eu vejo homens hypócritas tratando
Negocios de ir os outros depennando
Com fallas divinas, astutas manhas,
Com Deos na boca, e o demo nas entranhas.
Não querem encarregos para a morte,
Por isso se regulão desta sorte.
He desta gente o calculo seguinte;
Tudo que vale cem, comprar por vinte.

Alminhas boas, que andão entre nós!
Que do dinheiro são sempre hum cadoz.
Eu rio quando vejo estes beatos,
Sanguisugas, e esponjas de contratos;
De olhos meios fechados a fallarem,
Até os seus int'resses ultimarem;
Mas depois dos ajustes serem feitos,
Abrem os olhos tortos, ou direitos,
Ora pondo-os no chão, ora no Céo,
Que este he da hypocrisia o grande véo:
Té que lhe chega ás vezes neste estudo
Revéz, em que o diabo leva tudo.

Portugal, Portugal! eu te lastimo!
E quando te analyso, desanimo!
Destes estratagemas, e usos novos
Provém os muitos damnos dos teus Povos.
Eu vejo certos homens presumidos,
E nos cargos, que tem, tão embebidos,
Que por viverem fartos sem desgraça,
Assentão que são feitos de outra massa.
E mostrão se a fallar todos inchados,
Que parecem perús enchouriçados,
As palavras soltando, como Oraculo,
Decidindo por si em todo o obstaculo:
Tratando os que lhes são inferiores,
Com soberba, impostura, e dissabores,
Sem vêrem que huma falla mais ardente

Dobra o flagello ao triste dependente;
Que tem de hum bom Despacho a qualidade
A resposta civil de humanidade.

Eu vejo homens de grandes ordenados,
Que fazem os dos outros ser quartados;
Os que elles tem, sempre achão ser pequenos,
Mas querem que o dos outros fique em menos;
Que o triste pão, que o empregado come,
He que augmenta a despeza, e que faz nome;
Mas o que elles desfrutão inda occulto
He huma bagatella, não faz vulto.
Não macúlo ninguem, porém ha disto,
Como eu por muitas vezes tenho visto.
Isto com alvo certo não se entende;
Quem tiver este vicio, que se emende,
E singular fazer-se não intente
A' custa do flagello da outra gente.

Eu vejo té nas mesmas Irmandades
Disputarem-se em meza qualidades;
E nos públicos actos distincções,
Como se a Deos servissem gerações;
Quando a Igreja he a Mãi do rico, e pobre,
Do velho, e moço, do plebéo, e nobre.
Porém assombrar isto me não deve;
Se ha Juiz de irmandade, que se atreve

A separar na Igreja o chaile, e a manta
Da capa e lenço; isto mais espanta.

Eu vejo gente mui temente a Deos,
Que até quer penetrar segredos seus.
Prognosticando está tremor de terra,... *
Bem como se o tremor fosse huma guerra,
Que os homens entre si movem, se querem,
Só pelos seus caprichos defenderem.
Se o Reportorio désse hum tremor certo,
Tinhamos hum Profeta descuberto;
Que os fundos mineraes em quem bem pensa,
Pódem casar co' os astros sem dispensa;
Nem Deos castigo algum ao mundo envia
Por calculos geraes d'Astrologia.
Mas he para pasmar vêr que houve gente
Tão crédula, tão frouxa, tão demente,
Que para o campo grande se ausentava
Com susto do tremor, que se esperava!
Como se taes estragos, e ruinas
Houvessem de ter vesp'ras, e matinas.
Com effeito o tremor foi grande assumpto
Para gente, que espera inda hum defunto.

---

* Hum tremor imaginario, com que em 20 de Agosto do presente anno de 1819 se intimidou parte do Povo de Lisboa, tomando em diverso sentido o que lhes dizia o Reportorio naquelle mez.

Em fim houve no campo nova feira,
Onde a gente passou a noite inteira
Em huma companhia historiada.
A noite das fogueiras em Almada
Não se passa com mais satisfação!
Foi huma noite mais de São João!
Com medo do tremor, que não havia,
Na vespera fugião já de dia
Para o campo lindissimas mochachas
Com os seus taboleiros de bolachas.
Homens de quartas de agoa se ajuntárão,
Que apezar do seu medo, inda lucrárão.
De guitarras sómente havia falta,
Que he com que nas Gavotas mais se salta.
Não se fazia Terço, ou Oração,
Porque o susto pôz tudo em confusão.
Se viesse instrumento, tarde, ou cedo,
Perdião as meninas mais o medo.
De acabar com os homens já são horas;
Vamos ajustar contas ás Senhoras.

Eu vejo o luxo as bolsas devorando,
E as Fabricas estranhas sustentando,
Pondo a nossa Nação empobrecida
Co' appetite das modas illudida.
Cada mez huma cousa de outro gosto,
Que a maridos, e pais lhes dá de rosto.
E as tafulas cahindo a todo o risco,

Bem como o passarinho cahe no visco:
Vestidos de magnifico valor,
Chailes, e mantas de mimosa côr.
Muitas diversidades de filós,
E outras taes tentações: pobres de nós!
Eu vejo muita cousa vir de França,
Enfeites, que de os vêr a vista cança;
Té cabelleiras vem para Senhoras,
A quem as calvas são mui devedoras,
Feitas de coifa elastica, e mui preta,
Com hum monête, em ar de maçaneta:
Porém estes modernos penteados,
De cabellos puxados, repuxados,
As cabeças vão pondo em tal figura,
Que fazem seja calva a formosura.
De França nos vem outra corriola,
De que usão as Senhoras como estola:
He huma tira elastica de rufos,
De espaço a espaço tem tambem seus tufos,
E chamão-lhes da moda as inventoras
Os modernos caprichos das Senhoras:
Custão a tres mil réis, outros a mais;
E assim com estas cousas, e outras tais,
Vem o sagaz, e o lepido estrangeiro,
A trocar aqui trapos, por dinheiro.
Resta virem de França bem bordados,
Elasticos cueiros perfumados,
Que ha de ser hum aceio bem acceito

Para tanta criança que ha de peito.
A filha da arrastada vendedeira
Quer trajar á fidalga, e ser primeira.
Leiteiras, e outras taes eu tenho visto,
Que de todas as modas são hum misto;
Atrás de hum burro de ceirão cançadas,
De rufos, e de folhos enfeitadas,
Que vão com estas vãs tafularias
Vendendo leite, nabos, melancias;
Mas no que esta gentalha tem errado
He não conhecer bem o seu estado;
Querendo co'a mais louca presumpção
Huns, e outros mostrar o que não são:
Procedendo huma tal desigualdade
Da falta de juizo, e honestidade.
E porque não ha nisto meio termo,
Te vejo, Portugal, bastante enfermo!
Da fórma que isto indico, não insulto;
Mas póde percebello o mais estulto.

As nossas circumstancias, nosso estado
Pedem hum viver hoje acautelado.
Os tempos para o rico, e para o pobre
Já são de pouca prata, e muito cobre.
Ninguem póde fazer hoje thesouro,
He hum milagre o vêr quartinho em ouro:
Muito faz quem com boa economia
Se sustentar hum dia, e outro dia;

Que se entrudos fizer amiudados,
Ha de ter muitos dias de finados.
Luxo na mêza, luxo no vestido,
Pelas funções hum luxo desmedido,
No fim se lhe acha o erro que desgosta;
Por isso tantas náos tem dado á costa!

Eu vejo reviver nos nossos dias
Das velhas as ridiculas manias
De verem cousas más, pregando peças,
A pedir Missas, a ultimar Promessas,
Deixando-as as visões, que lhes fallárão,
Tão doentes do susto, que mamárão,
Que se queixão de dores nas barrigas,
Talvez por hemorroides, ou lombrigas.
Huma diz que observou, outra que vio,
Outra que até na cama lhe bolio.
Ha pouco em certa casa huma donzella
Levantou por medrosa huma balella,
Porque sentio á roda do seu leito
Andar hum ermitão muito direito.
Logo huma desdentada velha tia
Respondeo, que de noite ella sentia
Jogar-se pela salla muito a bola,
E outras vezes tambem tocar viola:
Que guardava comsigo este segredo,
Porque a familia não tomasse medo.
Acudio a criada delampeira,

Levantando na casa igual poeira,
Dizendo que ella vio na chaminé
Hum pretinho pequeno posto em pé:
Que vira fora de horas na cosinha
A cantar, como gallo, huma gallinha,
E que lhe forão pôr o seu capote,
E côco de esfregar dentro do pote.
Mas tudo isto fazia hum tal criado,
Que andava da criada namorado;
Porque o dono da casa com disfarce,
Macaco velho, por desenganar-se,
Foi-se na carvoeira introduzir
De noite, sem ninguem o presumir;
E vendo na alta noite bem a fundo
Duas almas, que inda erão deste mundo,
Que era o moço co' a moça conversando,
Ao encontro sahio, mas pergungando:
Que querião d'alli, ou a que vinhão?
Ou se restituições algumas tinhão?
Que trazia hum arrocho exp'rimentado,
Para lhes acabar aquelle fado.
E depois de molhar a sua sôpa,
Impoz pela manhã, com vento em pôpa,
As duas cousas más, e nesse dia
A' familia pagou igual quantia.

Tambem em Campolide hoje acontece
Hum caso, que aos das velhas se parece,

Pois houve hum pobre alarve, que morrêo,
E a seu filho em fantasma appareceo,
Determinando a venda de huma vacca,
Para pagar o panno da borjaca,
Que estava ao mercador inda devendo,
Por cuja causa andava padecendo.
O filho foi fallar-lhe, por esperto,
Porém veio de lá de horror cuberto;
Cahio na cama trémulo, e doente,
Que inda concorre a ir vêllo muita gente.

As cousas más serão cousa mui boa,
Huma vez que appareção por Lisboa;
Porque havendo nas casas esta fama,
Foi-se dos Senhorios a derrama,
Que vão a excesso tal subindo a renda,
Que não ha já com casas quem se entenda;
E se o inquilino pede huma equidade,
Tirão-lhe seis tostões por caridade.
Porém motins de noite nos sobrados,
Fantasmas de lençoes pelos telhados,
Deitada a fama destas pataratas,
Só assim se acharão casas baratas.

Eu vejo das Tafulas a mania
No luxo, com tão grande bizarria,
Que parece, que perdem da lembrança
Da vida á morte a funebre mudança;

Engolfadas na moda dos vestidos,
Nas guarnições, nos fôlhos, e franzidos,
Não lhes vem hum instante ao pensamento
Da guerra, fome, e peste o abatimento.
Quem vê, que pelo mundo ha destes p'rigos,
Deve temellos mais, como castigos
Das vaidades, caprichos, soberbias,
Desmazelos, excessos, fantasias;
E pôr a tanto luxo hum meio termo,
Que serve de enfeitar hum corpo enfermo.
O tempo em consumir-nos he veloz,
Não respeita Toukins, Rendas, Filós;
He preciso pensar, com seriedade,
N'um tempo de huma tal calamidade!
Reformando-se vidas, e costumes,
Que este tempo não he de antigos Numes,
Huns fabulosos Deoses, que illudião
Os povos, que a seu gosto he que os fazião.
Vigia sobre nós a Mão Eterna,
Que nos castiga, ampara, e nos governa;
Escandaliza aos olhos da razão,
Tanta desenvoltura, e perdição.

Tocando nas que são de baixa esfera,
Esta gente tambem não se modera;
Raparigas de brutos o retrato,
Nutridas só de vicios, sem recato,
Criadas sem algum regulamento,

Nem querem trabalhar para o sustento;
Não buscão de servir decentes meios,
Não querem aturar genios alheios;
Quando muitas, que em casas tem servido,
Fortunas tem achado, e bom marido;
Mas querem exceder os seus limites,
Sustentar luzimentos, e appetites,
Nos péssimos int'resses embebidas,
Se fazem desgraçadas, e perdidas,
Máos exemplos de Mãis, Pais inhumanos,
He que põem estas tristes em taes damnos;
A Mãi, que a filha achar por manha tonta,
Huma tunda lhe dê, por minha conta.

Vejo muitas Senhoras pela rua,
Como se andassem pela casa sua,
De sáia, e de jaleco sem mais nada,
A cabeça composta de palhada,
Na mão o indispensavel, n'outra o leque,
Andando como doudas, téque téque:
E isto sempre com tal desembaraço,
Que hum passo não alcança o outro passo.
Sem chaile, manta, capa, nem capote,
Tendo a desenvoltura por hum dote:
Perdida assim aquella gravidade
Das sérias Portuguezas d'outra idade.
Não digo, nem direi que he uso em todas
Os excessos ridiculos das modas.

Inda ha muitas familias commedidas,
Honestas, sérias, graves, bem regidas.
Fallo da que na rua encontro só,
Sem Mãi, tia, cunhada, nem avó:
Bem como a expatriada taverneira,
Que partio do seu reino aventureira,
Para pôr em Lisboa em qualquer parte
Tasca com hum fogão, e hum estandarte;
E que sem mais decencia, nem reparo,
Vai ás praças comprar o seu preparo,
Com vestido de chita, nús os braços,
Touca de folhos liza, ou com seus laços.
Por isto os homens todos mais se atrevem,
Quando fallando estão, ou quando escrevem
Contra hum sexo, que sempre foi perfeito,
Mas que em parte vai tendo algum defeito
Nos trajes, que adoptou á estrangeira,
Com a capa de ser tudo á ligeira.

Ah mantos, mantos! tempo abençoado;
Em que tudo se via respeitado!
Inda que ouço dizer a alguns espertos,
Que os olhos estão hoje muito abertos.
Tomára perguntar-lhes: Que tivemos
Desta grande esperteza, que hoje vemos?
Andarem raparigas pelas praças
De noite, e dia expostas a desgraças?
Mãis, e filhas chegando a tal estado,

Que não temem do mundo o máo olhado?
Agourar os cometas, que apparecèm?
Vêr Balões, que no ar desapparecem?
Não dar credito a nada, que se lê;
Porém dos Reportorios fazer fé?
Viver de muitas tramas, e illusões?
Usar-se pantalonas por calções?
O cabello sem pós, chapéo redondo?
Fallar, sem fundamento, com estrondo
Nos Barcos de vapôr, e seu destino?
No rapé ordinario, grosso, e fino?
Não me devo metter n'outras materias;
A decencia me pede lhes dê ferias.
E viviamos nós tão atrazados?
Traziamos os olhos bem fechados!
Porém não sei de que he que quando havião
Esses olhos, que d'antes não se abrião,
Havia a boa fé, humanidade,
Consciencia, moral, honestidade,
Nos Officios Divinos devoção,
Sério, respeito, boa educação:
Disto nascião genios de ternura,
Juizo, compaixão, amor, candura;
Hoje notão-se, como raridades
Encontrarem-se destas qualidades.
Por todo o mundo espiritos inquietos
Andão-se levantando como insectos,
Não abração a paz, nem o socego;

O de olhos mais àbertos anda cego,
Sendo desta mania o fim primeiro
O saciar de sangue, e de dinheiro.

Portugal, Portugal! eu te lastimo,
Porque he tudo verdade qnanto exprimo!
Eu vejo homens casados namorando,
Que se vão por solteiros inculcando;
A's mulheres dos mais arrastão aza,
E ardem se o mesmo mal lhes vai por casa;
Sem se lembrarem que estas influencias
Trazem comsigo tristes consequencias,
E que fazer aos mais nunca devemos
O que para nós outros não queremos.

Eu vejo huma menina das d'agora,
Que por casar não quer estar hum' hora,
E que inda que naufrágue, e vá ao fundo,
Parece-lhe fugir-lhe já o mundo;
Que até já de doze annos vejo muitas
Fazendo aos chichisbéos certas perguntas,
Dirigidas sómente a casamento,
Que ás vezes se converte n'hum tormento;
Quando algum dia poucas se casavão,
Em quanto os dezenove não contavão.
Mas que ha de ser, se a mãi de pequeninas
Quer que pisquem os olhos as meninas!
E fica por gracinha da criança

O saber namorar muito em lembrança.
Com esta educação se desenvolvem,
Té que de graça a sério se resolvem,
E sem que esperem ser fruta do tarde,
Vão sujeitar-se ao jugo (Deos as guarde.)

Eu vejo certos genios de Senhoras,
Que variando estão todas as horas,
Muito doudas no modo de pensar,
Por isso bem não podem acertar.
Se adormecem mui fixas n'hnm intento,
Acordão já com outro pensamento:
Fazem desta inconstancia mesmo alarde,
O que são de manhã, não são de tarde.
Em muitas se descobre este defeito,
O qual tomão os homens muito a peito;
Porque não sabem, vendo esta incerteza,
Quando a mulher he falsa, ou tem firmeza,
Quando zomba, entretem, ou falla serio,
Ou se anda louca, de juizo aério.

Vejo algumas de genio impertinente,
Que postas a fallar matarão gente
Com gritos, que se mettem nos ouvidos,
Que muitas ensurdecem os maridos.
Surdos devião elles todos ser,
Para o luxo das filhas, e mulher,
Prendas, e dotes n'huma Dama boa

No luxo não estão, sim na pessoa.
Nossas avós, que em moças se casárão,
De luxo com excesso não usárão;
E se alguma comsigo mais gastava,
Lindas sedas do Reino he que comprava:
Das quaes, inda depois de ser usadas,
Se fazião cubertas aceadas;
E não podre filó com bordadura,
Que tres, quatro lavagens só atura,
Comprado por hum mimo rico e guapo,
Que no fim de seis mezes he hum trapo;
E o dinheiro a cahir pela invenção,
Apezar da barriga não ter pão.
Luxo no frontespicio he que apparece,
Em tudo o mais pobreza se conhece.

Tambem do compromisso he a partida:
E porque a gente seja bem servida,
Vém o opio do cha tambem por luxo,
Ou agoa quente de enxagoar o buxo;
Que não passando de agoa, e de fatia,
Leva hum par de tostões: quem tal diria!
E para que se bote a conta a tudo,
Vamos vêr o que leva por miudo.
Aparelho aceado, igual bandeja,
Porque o brio da casa alli se veja:
Perola, Aljôfar, ou Hisson, e Uxim;
Carvão, manteiga, e assucar não ruim;

Criadas de trazer, e de levar;
Agoa a ferver até isto acabar.
Anda a Dona da casa sem descanço
Dando por toda a copa o seu balanço;
Se de humas cousas tem, ha de outras falta;
No aparelho o gatinho ás vezes salta;
O estrondo, que elle faz, ouve-se fora,
Parte á cozinha em sustos a Senhora:
Vê seis, ou sete chavanas quebradas,
E por desgraça são das emprestadas.
Dá co'hum páo na criada, e mais no gato;
Põe-se a moça a chorar, juntando o fato.
Este o risco, este o trem, he esta a lida,
Para pão com manteiga, agoa fervida!
Ah tempos, tempos! Como estaes mudados!
Onde estão as merendas dos estrados?
Onde a crespa salada, e a ella junto
O saboroso páio, o bom presunto?
Perdeste, Portugal, costumes taes,
E com elles perdeste os cabedaes!
Querendo só com chá em abundancia,
Que he tudo fórma, e nada de substancia,
Crear todo o vigor, de que careces
Nestas enfermidades, que padeces.

Vejo tambem Senhoras mui teimosas,
E nas teimas, que tem, tão caprichosas,
Que por levarem só a sua avante,

Levantão testemunhos n'hum instante.
Accelerão-se, gritão, e esbravejão,
Só porque accreditadas melhor sejão.
Se alguem as desmentio, temos historia,
He offensa, que fica de memoria;
Porque quem commetter tal attentado,
Conte ficar por ellas mal olhado;
Que huma mulher tem tanto de extremosa,
Compassiva, amoravel, carinhosa,
Como tem de raivosa, e vingativa,
Delirante, indomavel, cega, e altiva.
Se offendida se vê, ou tem ciume,
Parece que dos olhos lhe sahe lume,
E n'hum tal frenesi a pobre cai,
Que d'alli a morrer mui pouco vai.
Tambem as modas lhes vão dando a morte;
Pois vejo-as em Janeiro áspero, e forte,
De panninho, e de chitas armadinhas,
De caças, de filós, ou de sedinhas:
De dia em dia passão constipadas,
Por isso vemos tantas descoradas,
Com dôr de peito, com tossinha secca,
Com pertinazes dores de enxaqueca.
O homem no anno tem quatro estações;
As Senhoras não tem senão verões.
Elles abafão-se, ellas põem-se á fresca;
Que he quando o reumatismo mais se pesca.
Algum dia o baetão, panno, ou veludo

Da Senhora era o trajo mais sisudo,
Com que de inverno andava reparada
Dos grandes frios, e áspera geada;
E inda, além de ser isto uso decente,
Raras vezes se via huma doente,
Hoje agoas ferreas, ares de Bemfica,
Banhos de mar, remedios de botica,
Vão as Senhoras pondo em tal frescura,
Que vão fartas de fresco á sepultura.

Ora pois, Portugal, eu te lastimo!
E só para teu bem he que te intimo,
Visto haver já mui pouco quem te entenda,
Que tenhas nos abusos mais emenda.
Quem a qualquer faisca acode logo,
Não vê arder em casa hum grande fogo.
Talvez por eu dizer isto, que sinto,
Apezar de saber-se que não minto,
Muita gente dirá que cuide em mim:
Que deixe Portugal, e o Mundo assim;
Que por mais que me empenhe na reforma,
O Mundo não se afasta desta norma.
Eu isso lhe concedo, não lho nego;
Porém se em verso, e prosa assim lhe prégo,
He para no sermão fazer-lhe certo
Que o sei conhecer bem, e bem de perto.

E tu, ó Portugal, se inda te illudes,

Os vicios confundindo co' as virtudes,
Enlevado na moda, e nos abusos,
Esquecido dos teus antigos usos,
Filosofias novas não abraces,
Com estes modernismos não te enlaces;
Modifica os costumes, que te arrastão,
Que inda o pouco, que tens, isso te gastão:
Faze que resuscite de huma vez
O honrado, e bom caracter Portuguez:
Faze que as Bellas Letras possão inda
Mostrar aos nacionaes a face linda,
Que raiando de novo, como a Aurora,
Dêm aos genios enfermos a melhora.
E talvez possa então a mocidade
Criar-lhes mais amor, mais amizade;
Que n'hum espasmo tal, nesta inação
De tão perniciosa educação,
A tudo, quanto he bom, se perde o gosto,
Nem de hum livro se lê sequer o rosto.

A mesma encantadora alta Poesia
Appreço já não tem, como algum dia:
Então era por todos estimada;
Hoje está, como tudo, desgraçada.
Feliz tempo de antigos Portuguezes!
Camões, Sá de Miranda, Sá Menezes;
Hum Castilho, huns Andrades, hum Ferreira,
Castro, Teive, Bernardes, e Silveira;

George de Monte-Mór, Franco Barreto,
Do almo Virgilio Traductor completo;
Candido Lisitano Mestre da Arte,
Hum Bacellar, que em meu louvor tem parte;
Hum Matos Traductor do grande Tasso,
Educado das Musas no regaço;
Homens de gosto, de arte, e natureza,
Honra da Lingoagem Portugueza!
Nos escriptos de então se descobria
A sentença, a doçura co' a harmania.
Mais proximos a nós muitos respeitão
Outros mil, cujas obras nos deleitão:
Hum Tarouca, hum Penalva, hum Ericeira,
De quem a alada Fama he pregoeira;
Hum Gregorio de Matos bem sabido,
Hum Alexandre, hum Pinto Renascido,
Frei Simão, nos seus versos implicado
Com este Renascido mal fadado;
Hum Lobo Leiriense, Cunha, e Pina,
Hum Padre Bras, que em graça não declina;
Hum Duarte Ferrão muito erudito,
Que produzio o Metrico Palito;
(Se delle o proprio nome este não he,
Conheça-se em Reitor da Nazaré;)
Hum Brito de Vianna, hum Meliseu,
Pimenta jovial no que escreveu;
Hum Vilella, hum Basilio, hum Paradiz,
Hum Gonzaga, hum Garção, douto Diniz;

Claudio, Quita, Alvarenga, hum Amaral,
Hum Bandeira bastante social;
O Sabio, e inimitavel Tolentino,
Que aprendeo a viver no seu ensino;
Bocage, Pimentel, Curvo Semmedo,
O actual Orador Padre Macedo;
Hum Padre Nascimento, hum Quintanilha,
Com quem Apollo fez igual partilha;
Dias em Bellas Letras eminente,
Figueiredo no Cómico eloquente;
Hum Torres, hum Massuellos, Lara, Azedo,
Moraes, e outro estimavel Figueiredo:
Cujos Nomes a Febo enchem de gloria,
A Fama os leva ao Templo da Memoria.

Matos, que desde a idade juvenil
Se casou com a Musa Pastoril:
Tudo quanto escreveo hoje se prezа;
Por mostrar huma rara natureza.
Dois Ribeiros, Brandão, hum vago Lobo,
Que de critico a fama lhe não roubo;
O celebrado Abbade de Jacente,
Hum Theodoro com elle contendente;
Hum Caldas Brazileiro, no improviso
Engraçado, modesto, e com juizo:
Sempre em qualquer assumpto discorria,
Deixando satisfeita a companhia:

Se delle algum rival ha por desgraça,
Aponte-me segundo, que isto faça!

Dois Barunchos, Otone, e mais Coutinho,
Que acertárão das Musas no caminho;
Hum Medina, hum Novaes, Maya, e Delgado;
Hum Bersane no Lirico affamado,
Severino, e Soares Portuense,
Hum Maximo, que o iguala, se o não vence;
Hum engenhoso Barros, que em viveza
Prodigio mostra ser da natureza;
Hum Cabral Transmontano ás Musas dado,
Nobrega, que viveo tão desgraçado;
Hum Guerreiro, e Belmiro, que honra o Douro:
Todos a C'rôa tem do Febeo Louro.

Mais tres Vates, a quem faltou a vista,
(Que remedio não ha, que lhe resista.)
Hum Thomaz, hum Martins, novo Castilho,
Qualquer delles de Apollo digno filho.
Mas se dos olhos toda a luz perdêrão,
No juizo outras luzes accendêrão.
Hum Araujo, hum Lopes, hum Moniz,
Mayo e Lima, que já ferir me quiz:
Que inda apezar do ataque, que me fez,
Jámais de o elogiar perderei vez;
Que ataques de Poeta, inda os maiores,

Como foguetes são de jogadores.
Estes Genios harmonicos, que pinto,
Lá no Premesso tem lugar distinto.

Hum Durão Padre Mestre Graciano
Com Estro divertido Americano.
Serra, Ferreira Lobo, o bom Forjaz,
E o Beneficiado Velho Vaz
(O consoante aqui me deo conselho,
Para pôr Velho Vaz, e não Vaz Velho.)
O Conego José São Bernardino,
Filho tambem de Apollo, homem de tino;
Campello, os dois Malhões, Mello, e Raposo,
Carvalho, igual ao jovial Barroso;
Hũ Costa, hũ Bingre, hũ Camera, hũ Verné,
Quintella, Xavier, Padre Soye.
Dois Botelhos Professo, e Secular,
Hum Antonio Ricardo, hum Aguiar.
Estes Vates, que aponto, se conhecem;
E huma eterna saudade nos merecem:
Qualquer delles crédor de melhor sorte,
"E outros, em quem poder não teve a morte."
Quasi todos nas obras, que deixárão,
Seus Nomes sem vaidade eternizárão.
Destes Vates mui poucos vivos são,
E todos elles honrão a Nação.
Confesso que hoje tenho a maior gloria

Em trazer estes Genios á memoria.
Mas que serve escrever grandes volumes,
Se estão prevaricados os costumes!
Quatro velhos, que lêm estes Authores,
São os que inda lhes dão justos louvores;
Que estes meninos de hoje (coitadinhos!)
Estudão n'outras classes de livrinhos,
Livrinhos, com que o demo quiz campar,
Para as bolsas de todo entisicar.
Pouca gente conhece, ou avalia
O trabalho, que dá qualquer Poesia.
Lêr, e rir bem se vê não custar nada;
Compor empreza foi sempre arriscada;
E por isso estimar-se mais se deve
A penna, que em qualquer assumpto escreve.

Portugal, Portugal! eu te lastimo,
Se com verdades taes te não animo!
Sem se lêr, nada bom póde fazer-se;
Edificios não ha sem alicer-se.
Quem lê, e estuda a fundo sem jactancia,
Dissipa as densas nuvens da ignorancia.
Se já puzeste as Armas em descanço,
Vai dar nas Livrarias hum balanço:
Escolhe, compra, e lê; porque a lição
Ha de accender-te as luzes da razão:
Ella ensina, interessa, ella diverte,
E póde dar juizo ao mais inerte.

E se, seguindo a ordem, que me espera,
" Eu nunca mais serei quem d'antes era,"
Recordando o que eu digo alguns instantes,
Portugal, tu serás qual eras d'antes.

As cousas todas vejo aqui mudadas
Em tristes as que ledas ser soyão ,
As tristes muito mais tristes tornadas.

Bernard. Cart. VI.

SONETO.

Soffreo Lysia hum Tremor de terra horrendo,(1)
Seguio-se-lhe depois Traição ferina , (2)
Rebateo de hum Leão furia , e rapina , (3)
E pouco a pouco foi a fronte erguendo : (4)

Por morte do seu Rei ficou gemendo , (5)
E o Céo , por consolalla , lhe destina
Soberana immortal quasi divina , (6)
Que em paz o Povo seu ficou regendo :

Hum Monstro de ambição , e de vingança (7)
Surge do centro do sulfureo Averno ,
Perde a Europa o equilibrio da balança :

Restaura Portugal seu bom Governo ;
Mas não vêr o seu Rei ! . . Esta lembrança (8)
O põe banhado em pranto, e em luto eterno.

(1) O grande Terremoto do 1 de Novembro de 1755.
(2) O horroroso attentado na infausta noite de 3 de Setembro de 1758.
(3) A guerra da Hespanha contra Portugal em 1762.
(4) A reedificação da Cidade de Lisboa.
(5) A morte do sempre memoravel Rei o Senhor D. José I.
(6) O feliz Reinado da Fidelissima Senhora D. Maria I.
(7) O Tyranno do Mundo, assollador dos Povos, Napoleão Bonaparte.
(8) O nosso amabilissimo Monarcha o Senhor D. João VI.

Ao Author se mandou pelo Correio huma carta sem nome, datada de 22 de Julho do presente anno de 1819, na qual se lhe pedia, com o maior empenho, quizesse decifrar o seguinte Epitaphio enigmatico; e que na primeira Obra, que désse á luz, puzesse a sua definição.

Suspeita-se porém que a carta veio de pessoa gorda; e ou fosse escrita por basofia, ou por divertido ataque ao Author, seja qual for o motivo, elle vai a satisfazer.

Epitaphio Enigmatico.

Ci git le fils, ci git la mere,
Ci git la fille avec le pere,
Ci git la soeur, ci git le frere,
Ci git la femme, et le mari,
Et ne sont que trois corps ici.

Responde o Author: Que logo que o filho seja hermaphrodito, temos neste aborto da natureza filho, e filha, irmão, e irmã em hum corpo só. No pai, e mãi temos marido, e mulher, que são dois corpos: por morte de todos, jazem só tres no tumulo.

Por outra: Tendo hum homem huma filha, e deixando-a ainda criança, para ir viajar,

quando voltou, casou com ella, por hum acaso, ignorando ser a mesma, que deixou de pequenina; e vindo a ter hum filho della, e a morrer todos tres pela ordem do tempo, indo todos á mesma sepultura, fica bem claro que alli se achão filho, e mãi, filha, e pai, irmão, e irmã, mulher, e marido, tudo em tres corpos.

Estimará o Author ter acertado, ou que algum dos seus curiosos Leitores descubrão melhor intelligencia, com tanto que não seja a que vem explicada no primeiro tomo do Divertimento de Estudiosos pag. 59, onde se acha este mesmo Enigma mais resumido; porque aponta seis pessoas, e dá enterrados só dois corpos, como se vê no seguinte:

Cy gist le pere, cy gist la mere,
Cy gist la soeur, cy gist le frere:
Cy gist la femme, e le mary;
Et n'y a que deux corps icy.

Divertim. de Estud. Tom. I. pag. 59.

Agora roga o Author ao Amigo, que lhe escreveo a mencionada carta, queira decifrar-lhe tambem os Enigmas, Advinhação, e Charades, que se seguem, e que se não tirárão de Livros.

1.º *Enigma.*

Eu sou hum Mundo sem gente,
Figuro em qualquer trabalho;
Humas vezes não sou nada,
Outras vezes muito valho:
Eu entro no Purgatorio,
E tambem vou ao Inferno,
Entrada tenho no Ceo,
E estou ao lado do Eterno:
Os Anjos de mim dependem,
Os Virtuosos, e os Santos;
No Mundo, sem ser aranha,
Ando sempre pelos cantos.

O que isto será *
O Leitor o dirá. *

2.º *Enigma.*

Vinte e hum homens se embarcárão,
Temporal os apanhou;
Morrêrão vinte afogados,
Temos hum , que se salvou:
Este seguio a viagem;
Mas comsigo sempre achou
A conta dos mesmos vinte,
Com que na praia embarcou;
Que por sinal de amizade,
Que sempre se praticou,
Alguns as mãos apertavão
Aos socios do que escapou.

Desejava-se saber *
Dos vinte quaes vem a ser. *

3.° *Enigma.*

Comprárão-se doze,
Mas seis estruidos,
E forão por doze
Os seis repartidos:
Com partes iguaes
Os doze ficárão;
Porém os perdidos
Aqui não entrárão:
E faz esta conta
Ser certa, e ser boa,
Caber huma inteira
A cada pessoa.

Para melhor perceberes *
Resta saber soletrar; *
Depois disto conheceres, *
Luzes podes alcançar *
Vastas, para me entenderes. *

Adivinhação.

Julgão-me todos riqueza,
Porém ando esfrangalhado;
E quem me vê neste estado,
He que mais me estima, e preza:
Minha mulher, sem benzer
De quebranto, os mais defende;
E quem de mófas se offende,
A vai a outro off'recer:
O ser branco, ou ser vermelho,
Não me faz algum destrôço;
Tanto me estimão em môço,
Como depois que sou velho.

Fita os olhos no que digo, *
Gostarás disto comigo. *

1.ª *Charade.*

Se o principio do meu nome
Vem d'Astro de claridade,
He bem, que sendo celeste,
Seja o meio a caridade:
E que o fim, de igual razão,
Vos denote a compaixão;
Vindo unido a defender,
Vossa vida, e vosso ter.

Solta as redeas ao discurso, *
Dá combinação ás cousas; *
Do Sabio he este o recurso. *

2.ª *Charade.*

A primeira, e segunda he mui veloz;
Sendo aguda a terceira afflige, e mata;
E quem reúne as tres, faz-se hum algoz.

Cabe na mente do esperto *
Saber o quanto te digo; *
Dorme, sahirás deste apêrto. *

Amigo, escusas cançar-te;
Por ter de ti compaixão,
Nos versos, que tem estrella,
Acharás a explicação.

Se Acrosticos não entendes,
(O que não he natural,)
He por que tens a cabeça
Formada de pedra, e cal.

CATALOGO

Das Obras impressas de José Daniel Rodrigues da Costa.

Rimas I. e II. Tomo.
Theatro Cómico de pequenas Peças.
Almocreve de Petas, dividido na 2.ª impressão, em 3 Tomos.
Comboi de mentiras.
Espreitador do Mundo novo, em que vem as 6 partes dos Opios.
Barco da Carreira dos tôlos.
Jôgo dos Dotes.
Hospital do Mundo.
Camera Optica.
Tribunal da Razão.
Revista dos Genios.
Roda da Fortuna.
Os Enjeitados da Fortuna.
O Poema do Balão aos Habitantes da Lua.
E esta de Portugal enfermo por vicios, e abusos.

Do mesmo Author se imprimírão avulsos os Folhetos seguintes.

Quadras alegres aos Annos do Serenissimo Senhor D. Pedro Carlos, em 1804.
Quintilhas ao mesmo Senhor, em 1805.
Ditas ao mesmo assumpto, em 1806.
Quadras divertidas ao mesmo, em 1807.
Espelho de jogadores. Este Folheto vem tambem impresso na Revista dos Genios.

Obras do mesmo Author, impressas do anno de 1808 *por diante, ao vasto, e calamitoso assumpto da invasão dos Francezes em Portugal.*

Protecção á Franceza I. e II. Parte.
Partidista contra Partidistas.
Resposta á Proclamação, que em Hespanha fez o General Augereau.
Cantigas Patrioticas.
Surriada a Massena I. e II. Parte.
Conversação Nocturna das Esquinas do Rocío de Lisboa.
Carta de parabens, com hum Dialogo dos dois Generaes Francezes Filippon, e Bertier.

Encontro na Eternidade dos dois Generaes Francezes Marmont, e Bonnet.
Silva ao memoravel Lord Wellington.
Testamento engenhoso do Dom Quixote da França, ao partir para a Russia.
Canto funebre na sentida Morte da nossa Soberana a Senhora D. MARIA I.

As pessoas curiosas podem esperar pela Parte II. desta Obra, para poderem então mandalla encadernar, junta com o Poema do Balão aos Habitantes da Lua, que assim lhes ficará hum Livro de 8.º completo.

Vende-se esta Obra na Loja de Francisco Xavier de Carvalho, defronte da Rua de S. Francisco da Cidade; na de Antonio Manoel Polycarpo da Silva, junto ao Senado; na de Antonio Xavier Moreira, da Impressão Regia debaixo da Arcada; na de João Henriques, no principio da Rua Augusta; na de Antonio Pedro, na Rua do Ouro; na de Luiz José de Carvalho, aos Paulistas; e em Belém, na da Viuva de José Tiburcio. Preço 240 *réis.*

CONTINUAÇÃO DO

PORTUGAL ENFERMO

POR VICIOS, E ABUSOS DE AMBOS OS SEXOS.

PART. II.

DEDICADO AO SENHOR

JOSE LUIZ GUERNER,

CONSUL DE S. M. SICILIANA,

POR

JOSE DANIEL RODRIGUES DA COSTA,

ENTRE OS PASTORES DO TEJO

JOSINO LEIRIENSE.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1820.

Com Licença.

Em louvor do Autor, hum Genio dado ás Musas, bem conhecido, e muito applicado, mandou o seguinte

MADRIGAL.

Musa, (disse eu á gentil Clio hum dia)
    Pois que ao jovial Josino
A palma déste da immortal Poezia,
    Mimoso Dom Divino,
Com que louva a virtude, o vicio prostra,
E aponta as causas, e os effeitos mostra
    Da decadencia nossa;
    Dá-me tambem, que eu possa,
Cantando o Vate, que do Ceo nos veio....
    « Basta (me torna Clio);
« Suas obras, e não louvor alheio,
    « São o seu Elogio.

Campelo.

Chama-se a isto hum

PROLOGO.

CUrioso Leitor, ou Ouvidor, que não te escandalizo neste segundo nome, porque tambem he de lugar de letras, consta este Folheto da Segunda Parte de Portugal Enfermo por vicios, e abusos: continúa na mesma critica, na mesma boa moral, e com a costumada jovialidade. Mas se ainda assim mesmo achares este Folheto sem sal, dá-lhe alguma desculpa; porque foi acabado agora, e por isso vai muito fresco. Primeiro que o publicasse, fui consultar (como costumo em todas as minhas Obras, seguindo o preceito dos nossos antigos Mestres) com talentos superiores aos meus, judiciosos, e de bom criterio, que com sinceridade me asseverárão que este Folheto levava vantagem ao primeiro. *Si ita est, fiat.*

Não passárão de quatro até cinco genios mordazes, que não lhe podendo pôr outro defeito, forão publicando que a Obra não era minha, a ver se isto pegava, como pegou a moda do *Tiro-liro* por toda a parte. Ora ve-

jão Vossas Mercês, pelo amor de Deos, que tal ficaria eu quando mo disserão! A Obra não será minha; mas o primeiro Folheto imprimio-se, e reimprimio-se, e eu recebi o producto de mil e quinhentos Folhetos. Talvez que estes individuos campem melhor no público com cavallos emprestados, trastes, e dinheiros alheios, do que eu com versos de outrem! Nunca fui plagiario; antes os tenho encontrado de obras minhas: e desde a primeira, que imprimi, que foi a Obra dos Opios, ainda não mudei de estilo; porque me não acho com forças, para imitar os Guindados do tempo.

Leitor, o primeiro paragrafo pertence-te, o segundo pertence aos quatro, ou cinco Ruminadores, que com caracter de mal intencionados Zoilos, mastigão toda a qualidade de papel, como fazem os que enjoão pelo mar: e diz muita gente boa ser isto hum remedio contra os enjôos; o que eu dou quasi por certo, porque já o vi verificado em varias Senhoras, que são as que enjôão no mar com mais facilidade.

Aqui acabou o Prologo de repente. Coitado! Ainda ha pouco tempo estava de perfeita saude! Que não somos nada neste mundo, este Prologo o prova; porque tambem,

na minha estimação, tornou-se em nada, e foi-se sem se despedir no Latino idioma, como os outros Prologos fazem talvez por não entender mais.

Agora, Leitor, com ingenuidade dirás se a Obra em si alguma cousa

Vale em Portuguez.

PORTUGAL ENFERMO

POR VICIOS, E ABUSOS.

Não sou Poeta de palavras crespas,
Com que alguns dão picadas, como vespas:
E no zunzum de termos exquisitos,
Só fazem o zunido dos mosquitos
Não escrevo por cifra, nem por cetra,
Nem sei fallar, senão ao pé da letra.

Do Autor. . . .

PORTUGAL, Portugal! não te conheço!
Vives esmorecido, e eu esmoreço,
Vendo-te com achaque tão profundo,
Que pouco já figuras neste mundo:
Perdeste toda a tua bizarria;
As familias perdêrão a alegria:
Todos andão de caras tristes, serias,
Não ouço senão prantos de miserias:
E se prosegues inda em ser doente,
Ficarás só com casas, mas sem gente;

Pois muitos, de paixão, já vão morrendo;
Porque com a desgraça não podendo,
Caloteão, mendigão, degenerão,
E só na morte o seu descanço esperão.
Não se encontra em ti outro desafogo,
Que não seja o do jôgo, jôgo, jôgo,
Que he onde inda apparece algum dinheiro,
E já se faz officio de Banqueiro:
Nelle se encartão mais os ajudantes,
Socios olheiros, sempre vigilantes:
Qual rapaz, que nas terras põe gaiola,
Onde passaro mestre desenrola
Agradavel gorgeio, com que chama,
E as aves novas faz cahir na trama
Das varas enviscadas da costella:
Assim subtil Banqueiro arma a esparrella,
Sendo passaro mestre, que appresenta
De moedas em cruzios mais de oitenta,
Que estão chamando ao visco os coitadinhos,
Os quaes lhe vão cair, pobres patinhos!
Que quando o caso em sortes bem não corra,
O seu, e alheio vai tudo á desforra.
Hoje em qualquer função por essas sallas,
Depois do chá, escutão-se estas fallas:
A Senhora quer Ronda, ou quer Banquinha?
Vão-se chegando a mãi, tia, e sobrinha,
E por desgraça (aqui fique entre nós)
Té para a Ronda vão mesmo as avós:

Quegilando o que tem cartas na mão,
Que a primeira inda deo, segunda não:
E se por hum acaso deo segunda,
Em vez de a pespegar recebe tunda;
Porque succede ás vezes, cousa rara,
Recolher inda menos que parára,
E attribue logo ao córte da velhinha
Ser a sorte com elle tão mesquinha.
Em outra sala estão tafues armados
De copos novos, grozas de bons dados:
Treze primeiro que oito, barro, topo:
Levou trez onças de ouro, passa o copo.
Busca para o passar qualquer aresto,
Que o parceiro não quer jogo de resto.

Dinheiro só se vê nestes combates,
E em cartuxos nas lojas dos rebates:
Ou seja em Baptizado, ou Casamento,
Função d'annos, ou outro ajuntamento,
Com outra qualquer cousa não se atina,
Vai-se seguindo sempre esta rutina;
Té depois de hum enterro huns enojados
Em casa do defunto os vi sentados
Jogando o Voltarete com franqueza,
Para se distrahir mais a tristeza.
Esta a paixão, que he hoje dominante,
E nisto he que a função se faz brilhante,
Sendo do Alcorão que no outro dia

Se murmure de quem nella perdia,
Dizendo-se: Fulano perdeo munto!
Cento e tantos mil reis tinha elle junto,
Em menos de huma hora, mas virou,
Perdeo o ganho, e a bolça despejou.
Hum Fulano de tal, que appareceo,
Esse quanto puxou tudo perdeo.
Cento e tantas moedas lá disserão,
Fóra cincoenta mais, que se não derão.

Aonde, Portugal, estão sumidos
Teus entretenimentos divertidos!
Aonde estão as Arias, as Modinhas,
Os Quartetos, que ao cravo sempre tinhas!
Os graves Minuetes bem dançados,
Pelas regras da Dança executados!
E no intrevallo a Dama mais discreta,
Dando o Mote engenhoso ao bom Poeta,
Que em Sonetos, e Decimas galantes,
Parecião as horas huns instantes.
Estão divertimentos tão luzidos
A baralhos de cartas reduzidos;
Mas se julgas que nisso te confortas,
Verás que o jogo te ha de pôr por portas.

Portugal, Portugal! não te conheço!
De te vêr nesse estado desfaleço!
Quanto mais faltas vejo de dinheiro,

Mais vejo pôr-se o luxo de poleiro!
Até nos tratamentos tenho visto
Cousas, que fazem rir no meio disto.
Ninguem — Vossa Merçê — quer hoje em dia,
Hão de dar-lhe por força Senhoria:
E por maior nobreza, e mais decencia,
Já puxa a Senhoria huma Excellencia.
Tem este desacordo muita gente,
Mesmo sem nada ter com que a sustente:
Sem rendas, nem brazões, tudo devendo,
Desta aura popular se vão mantendo;
E a quem nesta mania assim se ceva,
Ninguem lhe vá lembrar Adão, e Eva.
E que direi dos *Dons*? parecem praga!
Em qualquer parte o *Dom* nasce, e propaga.
Ha *Dons* já muito velhos, outros novos,
Além dos *Dons*, que estão inda nos ovos:
E se a menina em prendas se affamou,
O *Dom* sahe logo á luz, não se gorou.

Eu vejo pais ás filhas embutindo
A escolha de Convento, persuadindo
Que passa vida santa, e descançada
Quem vive no Mosteiro clausurada.
E caminhando vão por este trilho,
Para que boa casa fique ao filho,
Fazendo professar as innocentes
Com festas, e visitas de parentes.

Em quanto os pais são vivos bem vai tudo;
As mezadas se cobrão a miudo;
Vive huma Freira em paz com alegria,
Conformando-se hum dia, e outro dia.
Mas em morrendo os pais tudo vai mal;
Nem pelo São João, nem no Natal
Se faz á pobre Freira pagamento,
Té ficar em total esquecimento;
Que o irmão, das mezadas incumbido,
Cuida só em fazer o seu partido:
Destroe a casa toda, como louco,
Que para nutrir vicios tudo he pouco;
Fica a mizera Freira mendigando
Pelas outras, que estão tambem penando:
Repetindo escrever a quem conhece,
Te vêr quem de seu mal se compadece.
Aqui temos os grandes beneficios,
Que os pais fazem com estes sacrificios,
Obrigando a Clausura, e Profissão
Quem nunca teve aquella vocação;
Sem ver que só acceita a Divindade
Esta vida abraçada por vontade;
Que huma Freira, por força alli metida,
A maldizer-se leva sempre a vida.
E armou-se rede tal com este dolo,
Para se regalar hum filho tolo,
Que estraga tudo, sem de si ter dó,
Ficando todos pobres, como Jó.

Eu vejo as circunstancias malignadas,
As origens dos ganhos estagnadas,
Os generos subindo, nós descendo,
Ora tristes chorando, ora gemendo.
Precisa-se dinheiro, não o temos;
E por desgraça nossa até já vemos
Os meios de o haver difficultosos.
Mas entretanto os homens viciosos
Não querem conhecer esta diff'rença:
Não ha flagello alheio, que os convença
A regular a vida de outro modo;
Não se apartão d'aquelle mesmo engodo;
O mal encaminhado continúa,
Gastando o que não tem, que he balda sua.
Deixa a mulher sem pão, filhos sem fato;
E a moça desfrutando hum grande trato;
Sem vêr que huma mulher deshonestada
Não tem caracter firme, he descarada;
Pois basta a causa ser, como he sabido,
Da mulher viver mal com seu marido.
Estas loucas ruina são do homem,
Que quantos reaes tem tudo lhe comem;
E porque para tanto não tem rendas,
De ladrão mui subtil nos mostra as prendas:
Qual fogo, que devora quanto apanha,
Com o que não he seu tambem se amanha;
E quando se descobre, e se receia,
Ou quebra, ou foge, ou vai a huma cadeia.

O que joga, e que em jogos passa a vida,
Joga sem conta, pezo, nem medida;
O que se trata bem, e dá jantares,
Em funções tudo vai por esses ares;
O que tem outros vicios adoptado,
Porque nelles está habituado,
Nutrillos he o seu mais bello vinho,
Nem o tempo lhe ensina outro caminho;
Não ha destes hum só, que se contenha,
Antes nestas despezas mais se empenha;
E não sabendo donde lhe hão de vir,
Como quer ás basofias acudir,
Fingindo que a escacez lhe não faz mossa,
E que inda tem dinheiro, com que possa
Ostentar o que d'antes ostentava,
O remate he furtar, pois não o cava.

Portugal, Portugal! não te conheço!
Cada vez mais de ti me compadeço!
Eu vejo humas familias tolineiras,
Que nunca em suas casas são festeiras;
Ajustão as funções botando a idéa
A terem meza posta em casa alhêa.
Rio-se muito, bastante se brincou;
A familia da casa he que o pagou.
A noite foi da vespera perdida,
Só para se acudir com tanta lida
As massas, aos recheios, aos guizados,

A depenar as aves, aos assados:
As criadinhas postas aos fogões,
Padecendo depois constipações,
Que todas trabalhárão na officina,
Para prompta se pôr a pappa fina.
Quando o dono da casa sente a asneira,
Já não póde sahir da ratoeira;
Mas he bem bom que assim fique ensinado,
Para vir a ser mais acautelado,
E fugir dos ajustes puxativos,
Feitos por certos genios logrativos,
Promptos para banquetes, onde os ha,
Porém que em suas casas só dão chá.

Eu vejo certos homens costumados
A mostrarem-se muito desvairados;
A cousa alguma prestão attenção;
Nas cousas de maior ponderação
Com chufas, e risadas só respondem,
E ás vezes muita asneira nisto escondem;
Por systema, por vicio, ou por maldade
Fogem de conversar com seriedade:
De todas as perguntas fazem mofa,
Só por tratarem tudo de galhofa;
Deixando os dependentes mais afflictos,
Por verem termos taes tão exquisitos:
Sujeitão-se, calando, os que dependem,
Mas ficão em jejum no que pertendem.

Homens assim não são muito seguros,
Que trazem a cabeça sempre a juros.
Cuidado lhes não dá o alheio int'resse,
Pobre de quem depende, e quem padece.

Eu vejo muitas casas de partidas,
Que são com as dos doudos parecidas.
Vem entrando co' a noite os assignantes,
Passão em conversar breves instantes.
A Prima conta á Prima o máo successo
De huma esperta gatinha côr de gesso,
Com malhas no focinho, e no costado,
Que fazem o animal muito engraçado:
Relata o muito amor, que ella lhe tem,
Enlevada naquelle bom desdem.
Sahe d'alli logo Dona Presumida,
Meia tafulla, meia convertida,
(Que ao certo ninguem sabe inda entendella,
Se ella he que deixa o mundo, ou elle a ella)
E diz que tem por cousa do demonio
Haver homem, que fuja ao Matrimonio.
Como a materia he vasta, vai durando,
Huns mettendo-a em questões, outros mofando.
Chega o chá co' as fatias transparentes,
Que lhes ficão pegadas pelos dentes.
Assim se passa aquelle bocadinho,
Té que as bancas se põem para o joguinho.
Então he que a criada da cozinha

Desenferruja a lingoa co' a vizinha;
Então he que outra á porta do jardim
De seus amores vai tratar o fim:
E a velha Preta á chaminé, qual mono,
Sempre a cabecear, pôdre de somno;
Porque os donos da casa divertidos,
Da Partida tirar querem partidos.
Nada os póde fazer deixar o jôgo,
Só vindo-lhes dizer que em casa ha fogo;
E em quanto se entretem com este aresto,
Fica á vontade da familia o resto;
Que por isso da casa mal guardada
Se tem visto fugir filha, ou criada;
Ou succeder a alguma rapariga
O que a decencia manda que eu não diga.
Muita cautela, e não facilidades,
Evita nas familias novidades;
Porque donas de casa não previstas,
Que não sabem deitar por tudo vistas,
Sem determinação, amanho, e zelo,
Hão de achar muito roubo, e desmazelo:
Nos armarios mil cousas estruidas,
As casas int'riores nem varridas,
Sobejos de comer dentro do cobre,
Por se não dar de esmola a tempo ao pobre:
Sem duração a roupa, nem aceio,
As lingoas das criadas sem ter freio;
Pouco, e pouco a dispensa dizimada;

Louça fina escondida por quebrada ;
E os vexados maridos com prudencia,
Dizendo lá comsigo : Ora paciencia !
Porque se ralhão, são insupportaveis,
Se fechão tudo, são huns miseraveis,
Se trombudos, são mal encaminhados,
Se castigão, são homens mal criados;
Ellas querem sómente andar nas palmas,
E os maridos, que peção para as Almas;
Com tanto que ande sempre a bolsa aberta,
Que he quando com marido bom se acerta.
Conheço que ha familias de bom porte;
Não he nestas que assenta este meu corte:
Nem ás outras tambem me determino
Levando nesta critica destino.
Atiro estes meus botes não pequenos,
Porque o mundo tem disto mais, ou menos.

Eu vejo huns homens ricos suffocados,
Té da sombra dos mais desconfiados,
Que vão, por ver se fica bem segura,
Mil vezes apalpar a fechadura
Da burra, qne n'hum lado tem da cama,
Temendo da familia alguma trama;
E homens taes, afogados em riqueza,
Raras vezes se lembrão da pobreza;
Havendo casas tão necessitadas,
Nunca por elles são remediadas:

Por mais ouro, que tenhão, que lhes sobre,
He raro quando dão dez reis a hum pobre.
Hum só rasgo não tem de caridade
Para a triste viuva, ou orfandade.
Não sei que contas fazem homens taes
Ajuntando, e escondendo os cabedaes!
Morrem té sem fazerem testamento,
Espirando n'hum trato o mais nojento,
Depois de vida sórdida, e mesquinha,
Que nem mandão comprar huma gallinha.
E vão-se deste mundo rebolindo,
Em quanto delles fica o mundo rindo:
Acabão supportando aquella surra,
Botando sempre os olhos para a burra.
Ora descance em paz, senhor defunto;
Cá fica quem lhe espalhe o que tem junto!

Eu vejo certos homens systematicos,
Que em tudo quanto pensão são fanaticos:
Cada falla he o estrondo de huma bomba,
Até parecem ter de porco tromba;
Fallão pouco, e não gostão de ouvir nada,
Tudo quanto se diz tudo os enfada.
Hum Cavalheiro deste paladar
Na loja de hum barbeiro foi entrar.
O mestre fez-lhe a barba in continente,
Mas no muito fallar impertinente.
Feita a barba, o soturno Cavalheiro

Di-se ao tal fallador mestre barbeiro:
Pois que o vejo verboso em novidades,
E em discursos de varias qualidades,
Queira dizer-me, que saber preciso,
Qual he o animal de mais juizo?
Que era o boi, respondeo o mestre prompto.
Isso somente expressa hum homem tonto,
Lhe disse o cavalheiro, e não cuidava
Que huma resposta avêssa assim me dava.
Tornou-lhe o mestre: he o cão ao dono grato.
Tambem não acertou por mentecapto,
Lhe disse o Cavalheiro, ouça-me attento,
Para tirar d'aqui hum documento.
O bode he o animal nada ignorante,
Porque sendo de barbas abundante,
Tendo-as compridas, nunca as quiz fazer,
Sómente por barbeiros não soffrer.
Assim ficou o mestre corrigido,
Para ser em fallar mais comedido.

Portugal, Portugal! não te conheço!
E quanto tu padeces, eu padeço!
Pois te vejo mais triste do que o dia
De envernosa estação! Quem tal diria!
Andas debilitado, empobrecido,
Saudoso, sem descanço, e esmorecido!
O teu Xavier de Mattos bem fallou
No galante Soneto, que traçou,

Quando disse com arte, e natureza,
Que da soturna imagem da tristeza
Era hum retrato vivo, e verdadeiro
Qualquer homem de bem sem ter dinheiro;
Cuja falta tem feito no presente
A ruina fatal de tanta gente.
Mas no meio de quanto se padece,
Hum genio creador nos apparece,
Que por nossa fortuna nos offerta
Huma bem importante descuberta:
E bem se deixa ver no raro invento
O quanto póde hum homem de talento.
De bons engenhos nasce a emulação,
Com que se aperfeiçôa huma nação.
Receba parabens toda a Cidade
De huma cousa de tanta utilidade.
Não supponhão que he plano, ou são maneiras
D'a ferrugem tirar ás oliveiras:
Não cuidem que he fazer dar direcção
Hum viajante aerio ao seu Balão:
Nem deve presumir tambem o povo
Que tem de guarda-quedas molde novo:
Este invento os perigos acautela,
Mas em substancia he cousa mui singela.
Agora me parece estar ouvindo
O Leitor curioso serio, ou rindo,
Dizer-me ou assentado, ou posto em pé:
Basta de franja, acabe, diga o que he!

Ora eu o satisfaço: Ha hum Fulano
Dos que vestem casaca de bom panno,
Que por idéa sua, e risco seu
Para huma tenaz o molde deu.
Eu a vi, a qual era fabricada
De hum poído metal, obra aceada:
Hum destes ferros de encrespar cabello
He mesmo o da tenaz fiel modelo.
De curioso eu, que o traste via,
Logo quiz indagar de que servia?
Disse-me o inventor que fora feito
Por servir a quem fuma de proveito:
Que o lume no sigarro mais atura,
Huma vez que a tenaz he que o segura;
Que faz esta invenção perder os medos
Aos sigarristas de queimar os dedos;
Que os Mouros tem cachimbos de huma vara,
Que a tenaz he aceio, e moda rara.

Agora se descobrem novas minas,
Com outras invenções mais genuinas;
Já temos hum moinho de vapor,
Que o de vento não móe talvez melhor.
De vapor hão de haver carros tambem:
Nas seges eu espero o mesmo trem.
Se a cousa for feliz, e se pegar,
Muitas cousas havemos de poupar!
Os machos, desta sorte, escusos são,

Hão de ficar em bestas de ceirão.
Não terão preço a palha, nem cevada.
Se chego a ver tal máquina ultimada,
Affectando de grande personagem,
Protesto sempre ándar de carruagem.
Grande cousa ha de ser, se se inventar
O modo do vapor nos sustentar!
Despeço-me de açougues, e Ribeira,
E digo adeos á Praça da Figueira.
He tudo isto bem bom; mas o peior
He faltar o dinheiro no melhor!
E assim como nas Caldas toda a gente
Se anda sempre queixando de doente,
Nós aqui com a mesma singeleza
Só ouvimos clamores de pobreza:
Molestia, que amofina, e que faz tedio,
Que nem nas Caldas póde achar remedio.
Luxo, e mais luxo, pôdres, e mais pôdres,
Tudo cheio de vento, como os ôdres!

Ha huns homens sagazes de tal sorte,
Que desfrutarem muito he o seu forte;
Pois no ramo, em que lidão, e em que estão,
Não deixão escapar occasião:
Vão-se enchendo, e fazendo caramunha,
Só para que ninguem lhes veja a unha:
Mostrão-se mui zelozos com systemas,
Mas tem sempre o seu ovo duas gemas.

E aqui fica a razão verificada
De huns virem a ter tudo, e outros nada!
A huns tudo lhes vai bater á porta;
Outros não passão já da cepa torta!
Jsto mesmo succede a mais de mil,
E eu comparo estas cousas a hum funil.
O que póde beber pelo bocal,
Sacia-se, e não vai de todo mal;
E quem pelo canudo sorve o vinho,
Tira quinhão, porém muito mesquinho.

Portugal, Portugal! o que bem pensa,
Tem encontrado em ti grande diff'rença!
Perdeste em alguns homens a verdade,
Que dava sempre tom á sociedade.
Em poucas partes ha palavra firme,
E não falta com que isto se confirme.
A minha Musa de apontar se izenta,
Melhor o ha de applicar quem o exp'rimenta.
Eu admiro nos homens hoje em dia
De tocar os extremos a mania!
Que ou perdularios gastão quanto tem,
Fazendo mal a si, e aos outros bem;
Ou tão mesquinhos são, tão acanhados,
Que nem bons dias dão, por serem dados.
Pouco briosos são, faltos de acções,
Remoques não lhes fazem vexações:
Nada querem, que custe hum só vintem,

Só o que he de tolã lhes sabe bem.
Não querem acertar n'hum meio termo;
Estes, e outros que taes te pôem enfermo.
Os homens de algum dia praticavão
A boa educação que os Pais lhes davão;
Mas hoje alguns modernos estou vendo,
Que logrativos vão o tempo enchendo,
Porque o que de espertezas mais se jacta,
Engana aquelle mesmo com quem trata.
Tem-se hoje descuberto novos trilhos;
Nem ha filhos por pais, nem pais por filhos:
Não vejo senão genios desiguaes;
Usão todos de termos mui geraes:
Verbi gratia, Desejo-lhe prestar;
Se precisar de mim, ha de me achar;
Conheça que sou sempre seu amigo;
Em tudo o que eu puder, conte comigo.
Tudo palavras ôcas, sem substancia,
Ditas sem fé, com arte, e sem constancia.

Tambem vejo alguns homens em balanças
Navegando no mar só de esperanças:
Figurões, que povôão este mundo,
Mas tem os fundos seus todos no fundo.
Abalrôão co' a gente empavezados,
Em quanto se não mostrão naufragados;
Depois são qual a uva já passada,
Que mostra baga, e pelle, e çumo nada.

Portugal, tu tens tido alguma gente,
Que se tem feito a si, e a ti doente.
Muita especulação vejo eu fazer,
Que em lugar de lucrar, bota a perder;
Pois de ter perda certa não se izenta
Quem para tirar dez dispende oitenta.

Portugal, Portugal! não te conheço!
Que me fazes tristeza te confesso!
Homens ha mais nocivos do que a peste,
E senhoras tambem de genio agreste:
Enfadão-se com todos, e com tudo,
E parece que o fazem por estudo!
Não cessão de ralhar, e de moer
As familias, por dar-lhes que soffrer:
Trazem a casa toda em labyrintho,
Pela condição aspera, que pinto.
Tambem homens encontro de tal modo,
Que assentão que he já seu o mundo todo;
Humas caras, que estão sempre estanhadas,
Que ou ríem muito, ou são embuziadas.
Com condições assim náo ha quem possa,
A reprehensão não vexa, nem faz mossa.
Isto nasce dos mimos, que lhes dão
Nas faltas da primeira educação.

Vejo huns homens tambem affeminados,
No gesto, e no fallar muito affectados,

Todos sentimentaes, cheios de nicas,
Que algum dia chamavão-se Maricas;
Mas assentárão hoje bons engenhos,
Que devião chamar-se homens gamenhos.
A origem deste nome bem se aponta
N hum caso jovial, que ahi se conta.
E são recommendaveis taes figuras
Nos tregeitos, e vãs caricaturas;
Té mastigão fazendo muito mômo
O cheiroso Indiano cardamômo,
O qual trazem na boca largas horas,
Para terem bom bafo entre as senhoras;
Nem perdoão ao seu mestre barbeiro
A dedada de banha de bom cheiro.
E já houve hum, que tendo a irmã de parto,
E entrando casualmente no seu quarto,
O cheiro da tal banha muito activo
Da pobre endoudecer foi o motivo.
Antes do Terremoto se munião
De pastilhas de cheiro, que trazião.
Em pivete, e em almiscar enfrascados,
Parecião de alcorce ser formados.
Destas verdades não se escandalizem,
Que ainda ha velhos vivos, que isto dizem.
Então erão faceiras, e casquilhos
No principio da moda dos polvilhos;
Pelos tempos vierão a peraltas,
Mas hoje são tafues, e alguns com faltas:

Os quaes agora tem por maravilha
A barriga apertarem co' huma cilha,
Enfivelada com tal arte, e geito,
Que a barriga se encolha, e altêe o peito;
Porque querem mostrar que podem ter
Perfeitos *patriotismos* de mulher.
Que errei esta palavra não se pense;
Pois vem na biblioteca Tafulense
Com *pitéo*, com *pinóia*, com *chalaça*,
Cucanha, *mujangué*, *Caurím*, que embaça.
E para o peito ter maior altura,
E mostrar o que querem na figura,
Dão aos seus alfaiates a matraca
De almofadar as bandas da casaca.
Ora em trazerem cilha acho razão,
Visto haver ferradura por tacão!
São estas invenções todas de fóra,
Nós somos de outros reinos firme escóra.
Os mais aprestes elles virão vindo,
Pois que as outras nações ficão se rindo,
Mandando engodos taes a Portugal
Por sommas de dinheiro em bom metal.
Tomára persuadir aos que usão disto
Que usassem o que a muitos tenho visto:
Nas modas meio termo, e na despeza,
E nada de emendar a natureza.
Deixemos que hum tal sestro as Damas tomem;
Que a perfeição do homem he ser homem,

E não trazer pescoço almofadado,
Tingir cabello já esbranquiçado,
Ou pôr grande chinó da côr da amora
Co' as bellezas mui brancas, e de fóra,
Como vejo aos que são de meia idade
Filhos só do amor proprio, e da vaidade:
Com outros desacordos deste lote,
Que de certo não falta quem os note.

E que direi de velhos enfeitados,
Que são a hum cêpo bem assemelhados?
Assim como eu, que o digo, a quem os annos
Feito hum espelho tem de desenganos.
Mas se viuvo estou, e já maduro,
Viuvo ficarei pelo seguro.
Não obstante elles verem-se encolhidos,
De pernas a vergarem carcomidos,
Assim mesmo meninas vão buscar,
Querendo-lhes fazer seu pé d'altar:
Sem se lembrarem que huma franga nova
Atira com hum velho para a cova.
Se buscassem dos annos a igualdade,
Inda lhes perdoaria a leviandade;
Mas quererem que as pobres raparigas,
Que por pouco escapárão das bexigas,
Atrás de algum vintem vão á lambugem,
E que morrão de nojo, e de rabugem!
Não posso levar tal á paciencia!

Amor isto não he: conveniencia.
Que em casamentos taes bem se conhece
Serem ellas escravas do interesse.
Que prazer póde ter muito a seu salvo
A que se liga a hum velho chôcho e calvo?
He muito natural mais lhe aborreça,
Se calvo for de quanto ha na cabeça;
Pois velho, que namora, e que se enlaça,
Tem a cabeça igual a huma cabaça;
E porque a natureza lhe he avessa,
Se tem dor de vazio he na cabeça.
Coitado! na figura, em que se vê,
Já podião chamar-lhe a morte em pé.
Mas no dia do alegre casamento
Resuscita com tal contentamento,
Que he pena ter o velho, que faz rizo!
Resurreição sem dia de juizo.

Tambem noto que hum velho de algum dia
Para a terra curvado he que pendia,
Grossa bengala o corpo hia sustendo,
E sobre as costas a marrã crescendo;
Mas parece que a mesma natureza
Nos quer mostrar que nada tem firmeza;
Pois que os velhos, a quem tudo desanda,
Andão hoje tombados a huma banda.
Na velhice o estupor se reconcentra,
E não torna a sahir huma vez que entra.

Por acaso algum dia se fallava
Que em alguma pessoa estupor dava.
Eu sim me enganarei, mas ajuizo
Que nos vem este grande prejuizo
Do pão, do vinho, do vinagre, e azeite,
Quando generos taes levão enfeite.
E se isto assim não he, porque razão
Só em Lisboa ha tal repitição?
E lá fóra nas Villas, e Cidades
São estas cousas humas raridades?
Porque ha lá menos gente? Não convence;
Bem que he mui natural que assim se pense.
E hoje até na florida mocidade
Se está vendo huma tal calamidade;
Mas os moços, álem da razão dada,
Tem outra circunstancia mais pezada,
Que he o irem por gosto aos sacrificios,
Para as forças perderem pelos vicios.

São a saude, e o tempo dois objectos
Estimados dos homens circunspectos;
E diz a mocidade que tambem
Estas cousas em grande valor tem:
Porém com appetites, e loucuras
Enxadadas vão dar nas sepulturas.
Hum perdeo a substancia, o outro a côr,
Aquelle anda tolhido de huma dor.
E já tantas molestias lhes acodem,

Que nem armas, nem letras seguir podem:
Sobrevindo-lhes tal debilidade,
Que não podem gozar de longa idade.
Perdem filhos os pais, o Rei vassallos,
Porque a chusma dos vicios vem cortallos.
Nelles a mocidade he que se illude
Para estrago do tempo, e da saude:
Preciosidades estas, que perdidas,
Não vemos com que possão ser suppridas.

Portugal, Portugal! não te conheço!
Do que és, e do que foste não me esqueço!
Dos teus usos antigos te tiraste,
E he problema entre nós se melhoraste!
Do que tinhas melhor já te esqueceste,
E o que perder devias não perdeste!
Puzeste cousas mil em confusões
Das modas, que te vém de outras naçõês:
Té desprezas o solido alimento,
E por isso te vejo tão gosmento;
Não tens senão defluxos catarrosos,
Indigestões, topôres perigosos,
Com que continuamente te prantêas,
Fruto de altos jantares, grandes cêas:
Ha cinco, e seis cubertas, e ha pessoa,
Que a hum só prato que seja não perdoa.
Hum individuo assim Pai Pai segundo,
He capaz de comer quanto ha no mundo.

Fica esmola a pedir quem o supporta;
Tal gente longe vá da minha porta!
Portugal, sê na meza acautelado;
A gula te vai pondo em triste estado:
Já nas cazas de pasto frequentadas,
Já nas mezas dos ricos enfeitadas,
Mostras fastio á sôpa, vaca, arroz,
Só queres fricassés, e fricandoz;
O rosbife, que em sangue inda escorrendo,
Os estômagos vai assim perdendo;
Rabiolos, fatia á Prussiana,
Pitéos de toda a casta de chanfana;
Que ha cozinheiro tal, tão delicado,
Que de folhas de parras faz guizado,
Mujangués, varios môlhos, e frituras,
Leite creme, pudins, e outras misturas,
Compotas com as caldas refervidas;
Tudo isto pouco a pouco acaba as vidas.
Depois tens nos cafés vastos licôres,
Que alguns até se bebem pelas côres:
Hum porque he côr de roza muito vivo,
Outro o ser côr de goivo faz motivo;
O de cravo, que agita, bem que esquenta,
Hum, que se estima de hortelã pimenta;
O licor de canela, o marrasquino,
Licor de ouro tambem que he caro, e fino.
Eu inda espero ver licor de cardos,
De alfazema, tomilho; e lirios pardos.

Sahe hum Taful d'alli, que he todo braza;
Se tomasse cantharides em casa,
Não julgava ficar assim tão forte;
Quer conservar a vida, e busca a morte.
Se não se emenda disto, anda enganado,
Cuida que morre cru, morrendo assado.

Portugal, em mil couzas tens mudado!
Só te vejo aos abusos afferrado!
Por exemplo: jogar-se tanto o entrudo,
Em que se insulta o homem mais sisudo,
Com agua, pós, laranjas, pulhas, peças,
Em que aberto se tem tantas cabeças!
Louvo que jantes bem nesses tres dias,
Mas reprovo da cêa as demazias.
Pois comes sem discurso, ou reflexão,
Para teres p'rigoza indigestão!
Tens outro abuso, que he serrar a velha,
Tolice, que não póde ter parelha;
Para andarem por frios, e por lamas
Os homens a fugir das suas camas,
Fazendo levantar, vir á janella,
Para se constipar esta, e aquella,
Que sem juizo algum ama, e criada
Perdem a noite nessa mascarada,
Até que no outro dia a cozinheira
Dá ao demo tão grande babozeira;
Pois não podendo o somno disfarçar,

Deixou entrar o esturro no jantar.
E que direi tambem das boas Festas?
Não devo criticar couzas como estas;
Porque trazem motivo mui sagrado,
Com que todo o Christão, bem educado,
Deve ter alegria, e grande gloria
Em trazer taes motivos á memoria.
Mas quizera, encontrando-se as pessoas,
Que abraçando-se, dessem Festas boas;
E que os que mais pudessem nestes dias,
Embora uzassem grandes bizarrias,
Mandando, não Bilhetes de prezente,
Mas sim couzas, que alegrem o olho á gente:
Bons perús, porcos, patos, ou perdizes,
Seis gallinhas com doze codornizes,
Tortas, pudins, pasteis, ou pastelões,
Finas broas, gostozos massapões.
Eis-aqui humas Festas de prazer,
Que são de consolar, e agradecer.
Isto prova a amizade ser fiel,
E val mais que tirinhas de papel,
Ou Bilhetes de nomes em cartão,
Que os criados ás vezes nem os dão:
A sege mui fechada á porta chega
A procurar aquelle, que se nega;
E muito digno he de se notar
O que de ambos devemos ajuizar;
No da sege bem he que se supponha

Que de dar Boas Festas se envergonha;
Porque vai tão fechado, e tão occulto,
Que parece que teme algum insulto.
E esse, que em caza está, do amigo á espreita,
Em não fallar-lhe faz-lhe huma desfeita.
Por isso implicão taes formalidades
Com as bem reguladas amizades.

Dizem que quanto mais se vai vivendo,
Mais couzas, nunca vistas, se vão vendo;
Mas eu outro conceito he bem que forme,
Que quanto mais se vive, mais se dorme;
E dou esta razão, porque supponho
Que viver, e dormir he tudo hum sonho.
Sonho parece quanto vejo, e digo,
Além do quanto fica só comigo.
Porém vamos a couzas divertidas,
E fallemos de velhas presumidas,
Que algumas ha de tanta affectação,
Que por invencioneiras dão penção.
Huma velha vi eu tão melindroza,
Que fugia do cheiro de huma roza,
Dizendo lhe exaltava logo o flato;
Tão estragado estava aquelle olfato!
Succedeo de vizita ir esta lesma
A caza de outra igual Dona Seresma
A tempo que entrou logo outra vizita
De huma grave Senhora mui bonita,

A qual tinha nas tranças espetada
Huma perfeita roza avermelhada;
E porque ao pé da velha se assentou,
Logo a velha aos arrotos começou,
Dando desta molestia por motivo
Daquella roza o cheiro muito activo:
Foi crescendo a afflicção a mais e mais,
E com affrontamentos grandes ais;
Cahio do canapé torcida toda
Com huma convulsão destas da moda.
Acodio-lhe a Senhora a toda a pressa,
Que trazia a tal roza na cabeça,
Dizendo que era sêca, e que a comprára,
Por ser roza de musgo, linda, e rara;
Obra feita por mão de huma Franceza,
Que nas flores imita a Natureza.
Quando a velha ouvio tal, envergonhada,
Fingio tornar a si com lã queimada;
E foi então geral a zombaria,
Que fez da dita velha a companhia.
Eis-aqui as molestias, que dão rizo,
E a que se expõem com faltas de juizo.
As velhas infundidas em vaidade,
Que querem sempre estar na flor da idade;
Que ha velha, que no modo de trajar
Presume as raparigas desbancar.

Eu vejo raparigas enfeitadas,

Rethoricas, porém pouco applicadas,
De orelha palavrinhas apanhando,
Com as quaes aos tafues vão affectando.
Huma carta vi eu de huma senhora,
Muito desvanecida de Doutora,
Cuja carta era em verso, e era de amores:
Queixas de auzencias, zelos raladores;
Quando só tinha lido a mocetona
As guerras de Alecrim, e Mangerona.
A carta não me lembra até ao fim,
Porém o seu principio vinha assim;

De pungentes receios combatida,
Lembrando-me talvez o ser trahida,
O meu ciume trepido, fervente
Adeja sobre mim avidamente:
Eu desafio a magoa, e a impaciencia
No campo dilatado de huma auzencia,
Ululando, e exprimindo o sentimento,
Que me despenha em grande abatimento:
Anhelando appellar nesta fraqueza
Para o tribunal dubio da fineza.

Que tal foi este parto sem parteira?
Ella chamou-lhe carta, eu chamo asneira.
Não critico as Senhoras instruidas
Em bons Autores, e Obras escolhidas,
Que com principios bons de educação

Mostrão que tem juizo, e tem lição:
Senhoras ha discretas, que nas fallas
Tomárão muitos homens imitallas.
Tambem não noto aquellas coitadinhas,
Que lidão com dedal, agulha, e linhas,
Vivem do bastidor, ou da almofada;
Que essas tempo não tem para mais nada.
Só murmuro daquella não sizuda,
Que em tres dias a fórma ás modas muda,
Que só cuida no luxo mui garrida,
Da belleza, que tem, desvanecida;
Não lhe importa nem ler, nem trabalhar,
E o que sabe he somente namorar,
De janella esperando os valdevinos,
Feitas huns papagaios femeninos;
Formosuras pasmadas quanto a mim,
Bem proprias para estátuas de jardim.

Portugal, Portugal! não te conheço!
Cada vez te vou vendo mais avêço.
Eu vejo tambem homens presumidos,
Com desvanecimento de instruidos;
Porém he hum saber tão fôfo, e escasso,
Que andão a tropeçar a cada passo.
Criticão tudo, nada se respeita,
Sem saber onde tem a mão direita:
Soffrer já mais se póde que a ignorancia
O merito confunda co' a jactancia.

A ponto se me está reprezentando
Hum caso, que nos vem aqui frizando:
Nosso insigne Pintor Alexandrino
Fallou ao Preto velho Pai Justino,
Para que lhe caiasse a propriedade
De humas casas, que tinha na Cidade.
Caiou-lhe o Preto a frente muito bem,
E no fim não lhe quiz levar vintem,
Dizendo que hum a outro companheiro
Era desattenção levar dinheiro.
Ora, assim como o preto, muita gente
Sonha em ser grande cousa de repente!

Assentemos que o mundo cada dia
He de doudos extensa enfermaria;
Porque hum ser Mathematico projecta,
Outro insigne Pintor, outro Poeta;
Hum a Musico vai, outro a Letrado,
Outro na Medicina he enfronhado;
Hum he Filosofo, outro he Arquitecto,
Outro quer ser da Lua, e do Sol neto;
E muitos sem principios, nem razão,
Não sabem mostrar mais que presumpção;
Pertendendo roubar a fama, e gloria
A quem cançou com livros a memoria.
He tudo enthusiasmo, e parvoice,
Desconcertos nascidos da doudice:
E nas varias manias, que contém,

Assenta cada qual que assim vai bem.
Mas se viver por gosto assim pertendem,
Que nem já huns aos outros bem se entendem,
Vão vivendo, que as cousas deste mundo
Humas ficão em cima, outras no fundo;
Porque a razão nos mostra, e nos ensina
Que tudo toca a meta, e então declina.
Portugal, Portugal! não te conheço!
Quanto mais penso em ti, mais esmoreço.

Explicação dos Enigmas, Adivinhações, e Charades do 1° Folheto, ou primeira Parte desta Obra.

O 1.° Enigma he = a letra *O* = o 2.° = *Dedos* = o 3.° = *Pares de luvas* = a Adivinhação = *Figos* = a 1.ª Charade = *hum Soldado* = a 2.ª Charade = *hum Caçador* =.

Escolher té acertar.

Improvizo do Autor.

Tafueszinhos deste tempo,
Se estado quereis tomar,
Deveis com muito sentido
Escolher té acertar.

Daquella, que rir sem tempo,
E esperta de mais fallar,
Fugir de se lhe dar corda,
Escolher té acertar.

A que de lograr os homens
Com jactancia se gabar,
Nem mais pôr-lhe a vista em cima,
Escolher té acertar.

Rapariga janelleira,
He bom della não fiar,
Namora a muitos, pois quer
Escolher té acertar.

A que ás modas afferrada
A moda não perdoar,
Deixalla, mas logo ir outra
Escolher té acertar.

A que der costura fóra,
E meias a accrescentar,
Deixalla ir pela malha,
Escolher té acertar.

Daquella, que crê em bruxas,
Que se anda sempre a assustar,
Fazer-lhe huma cruz á porta,
Escolher té acertar.

Não vos enleve a menina,
Porque canta, e vai walçar;
Sem tempo, não ha escolha,
Escolher té acertar.

Fingi ter paixão por todas,
Depois huma exceptuar,
Fazei o que ellas vos fazem,
Escolher té acertar.

Mal que a escolha se fizer,
Sem demoras ir cazar,
Mas tomar bem as medidas,
Escolher té acertar.

Qualidades da senhora
Podeis por fóra indagar,
Indagar não dá, nem tira,
Escolher té acertar.

O laço do Matrimonio,
Dado sem se ponderar,
Traz depois sempre a desordem,
Escolher té acertar.

Todos sabem que he melhor
Prevenir do que emendar,
Com brio, honra, e decencia
Escolher té acertar.

Ser amante, e não velhaco,
Prometter, e não faltar,
E para mais segurança
Escolher té acertar.

Os que nada tem de seu,
Nem tem genio de casar,
Desenganem, porque escusão
Escolher té acertar.

Hoje as mulheres não querem
Os maridos sustentar,
Antes tomão por systema
Escolher té acertar.

Donzella, ou viuva rica
Pobretões não vão buscar,
Vão entre os homens chineiros
Escolher té acertar.

Casamentos com juizo
  Poucos vejo effectuar,
  Se Amor vai com o interesse
  Escolher té acertar.

Formosura, e qualidades
  Já ninguem vai disputar,
  Se o dinheiro he quem traz tudo,
  Escolher té acertar.

Porém siga embora o mundo
  Esse modo de pensar,
  Ide só honra, e juizo
  Escolher té acertar.

Vós deveis sem ambição,
  Se tendes com que passar,
  Nas honestas, recolhidas
  Escolher té acertar.

As ricas devem tambem
  Homens de bem amparar,
  E nos mais bem comportados
Escolher té acertar.

Se todos isto seguissem,
  Melhor se havião de achar;
  Mas dinheiro quer dinheiro,
  Escolher té acertar.

A final será virtude
  Pensões do estado notar,
  E depois outro destino
  Escolher té acertar.

Minhas filhas não caseis.

Improvizo do Autor.

Namoradinhas da moda,
  Vede bem o que fazeis,
  Com tafues atordoados,
  Minhas Filhas não caseis.

Se tomais paixões de amor,
  De velhas não morrereis;
  Tira amor annos de vida,
  Minhas filhas não caseis.

Todos huns santos se inculcão,
  Namorando cinco, e seis,
  Em lhes conhecendo a balda,
  Minhas filhas não caseis.

São huns em quanto pertendem,
Depois são hydras crueis,
Como a cobra, a pelle mudão,
Minhas filhas não caseis.

Destes frangainhos novos,
O' Filhas, não vos fieis;
Andão sempre dando ás azas,
Minhas filhas não caseis.

Trazem-vos anneis das feiras
De vintem, e de dez reis,
Porque a mais chegar não podem,
Minhas filhas não caseis.

De educação, e de genio
He justo vos informeis;
Com homens desconfiados,
Minhas filhas não caseis.

Entre a guerra dos ciumes
N'hum tormento vivereis;
Meninas, coração livre,
Minhas filhas não caseis.

Depois da primeira offensa
Segunda não espereis,
Fugi sempre a lograções,
Minhas filhas não caseis.

Como he raro em Loterias
Achar a dos dezeseis,
He raro achar bom marido,
Minhas filhas não caseis.

Não duvido que finezas,
E mil excessos acheis;
Mas são iscas para a rêde,
Minhas filhas não caseis.

As cartinhas amorozas
São finezas em papeis,
O papel tudo consente,
Minhas filhas não caseis.

Por huma verdade só
Mentiras mil soffrereis,
Olho vivo, prevenção,
Minhas filhas não caseis.

Como Amor cego se pinta,
A mesma queixa tereis,
Se haveis cahir por cegueira,
Minhas filhas não caseis.

Aturar os pequerruxos,
Do marido os aranzeis,
São cousas, que custão muito!
Minhas filhas não caseis.

Vós em casa com mil sustos;
  Elles por outros quarteis;
  Vós em jejum, elles fartos,
  Minhas filhas não caseis.

Casar, e ficar depois,
  Como muitas achareis,
  Viuvas, pobres, doentes,
  Minhas filhas não caseis.

Os velhos são rabugentos,
  Os moços são infieis;
  Como ha pouco, onde se escolha,
  Minhas filhas não caseis:

Por sustos, penas, cuidados
  O descanço não troqueis,
  Solteiras não sois escravas;
  Minhas filhas não caseis.

Rir; brincar, zombar de todos
  He bem bom, se isto fazeis,
  Não vos enterreis em vida,
  Minhas filhas não caseis.

Vivei libertas, Meninas,
  Que contentes vivereis;
  Boi solto lambe-se todo,
  Minhas filhas não caseis.

Bem conheço, minhas Filhas,
Que em velhas pouco valeis;
Mas que serve acertar mal?
Minhas filhas não caseis.

Amor, juizo, e fortuna
He com que acertar deveis;
Isto he bom, mas onde ha disto?
Minhas filhas não caseis.

Nisto, que digo, vos mostro
O fruto, que tirareis;
Só por trez dias de festa,
Minhas filhas não caseis.

Abraçai os meus conselhos,
Porque vos não enganeis,
Mandai Amor á tabúa,
Minhas filhas não caseis.

A P O'L O G O.

A Gallinha, e os Pardaes.

N'huma reserva de estrume
Gallinha sôfrega andava,
Espalhando com os pés
O deposito, que achava.
Bando de espertos Pardaes
Muito de perto a seguião,
Quanto ella esgaravatava
Elles, famintos, comião:
Neste, naquelle lugar
Andava a triste cançada;
Os Pardaes comião tudo,
A pobre Gallinha nada:
Té que sacudindo as azas,
Virou de repente, e vio
A manada charleadora,
Que áquelle estrume acudio.
Então disse: Está mui bom
Esse modo de viver!
Eu descobrindo, e espalhando,
Para os mais virem comer!
Por certo que estou lograda!
N' outra não torno a cahir:
Donde vir estes golosos
Eu cuidarei de fugir.

Hum Pardal de escuro bico
  Dos outros sahio á frente,
  Que por ser Pardal ja velho,
  Se julgava intelligente:
E querendo despicar
  Aquella descompostura,
  Deo á Gallinha em resposta
  Esta sentença madura:
Este lugar, em que andamos,
  Não he vedado a ninguem;
  Temos a elle o direito,
  Que qualquer Gallinha tem:
De mais ha outro motivo;
  Quem por espalhar trabalha,
  He certo que já não quer
  As mesmas cousas, que espalha:
Nós aproveitamos tudo
  Fiados nesta razão;
  Ninguem he tolo, que deixe
  De acceitar o que lhe dão.
A Gallinha envergonhada
  Das satisfações, que ouvio,
  Deo huma volta em redondo,
  E nem mais o bico abrio.
Os que achão dinheiro junto,
  Como herdeiros de seus pais,
  Fazendas, cópa de prata,
  E outros muitos cabedaes;

Que espalhão tudo por vicios,
Appetites, e funções,
Dando cabo do que tem
Com loucas combinações,
Talvez que mais se acautelem,
Se disto se recordarem:
A Gallinha espalha, espalha,
Para os mais se aproveitarem.

CONTO EPIGRAMMATICO.

Ha pelas casas das Sortes
Tres Tabellas penduradas
Com attractivas fortunas,
Mas são fortunas pintadas.
Tem por cima Premios grandes,
Que se chamão de cabeça;
Por baixo os mais diminutos,
Em que a gente nada int'ressa.
Entrou na loja hum Laponio,
Querendo Sortes comprar,
Metteo prompto a mão na caixa
A rir muito, e a perguntar:
Diga-me, Senhor caixeiro,
Porque saber me convem,
Se esses Premios de cabeça
Todos esta caixa tem?

Respondeo hum dos que estavão
  Arrumados ao balcão:
  Descance; que os de cabeça
  Todos nessa caixa estão:
Cabeça he que nós não temos
  Em vir sentar-nos n'hum banco
  A trocarmos o dinheiro
  Por iscas de papel branco.

CONTO

Do Sabio por imaginação.

Certo Rapaz de Provincia
  A Lisboa veio dar,
  O qual não sabia ler,
  Nem escrever, nem contar.
Para ganhar o sustento
  Pôz-se a servir hum Letrado;
  Esperto, prompto, e fiel,
  Mostrando-se hum bom criado.
De tres a tres mezes o Amo
  Por costume lhe dizia:
  Esfrega-me essas estantes,
  Limpa-me essa Livraria.

Ajuntou alguns vintens,
E a sua patria buscou,
Onde se estabeleceo
Com fazendas, que comprou.
Lá na Botica da terra
Elle hia as noites passar
Com o Cura, e mais pessoas,
Que alli vinhão palestrar.
N'huma noite huma questão
Se moveo co' hum Estudante,
Em que elle se foi metter
Por atrevido, e ignorante.
Instava sem reflexão
Dizendo: He que me faltava;
Se por ter aberto livros
Vossa Mercê me encovava.
Eu tambem Livros abri,
Lidei com discreta gente;
Não julgue o senhor novato
Que acha em mim algum demente.
O estudante, que sabia
Que o tal servíra hum Letrado,
Querendo-o desmascarar,
Lhe respondeo enjoado:
Eu sei que livros abrio;
Mas diz gente verdadeira,
Que abria livros alheios,
Para tirar-lhe a poeira.

Eis como alguns impostores
De sabios querem ter fama,
Lendo só rostos de Livros,
Nada fruto, e tudo rama.
Não estudão, nem se cançāo;
Querem que a sabedoria
Se pegue, bem como a febre
Em tempo de epidemia.

CONTO EPIGRAMMATICO.

Havia hum homem sagaz,
E bastante indagador;
Sempre das vidas alhêas
Queria ser sabedor.
Por conseguir o seu fim
Valia-se de mil modos,
Louvando, ou dizendo mal
Sabía tudo de todos:
Com perguntas, e rodeios
Botava a rede em cautela:
Quem conversava com elle
Por força cahia nella.
Adoeceo gravemente;
E hum Medico foi chamado,
Que da lingoa deste enfermo
Vivia escandalizado:

Receitou-lhe hum vomitorio;
  Mas com elle não lançou;
  Repetio segunda dose,
  Igualmente se frustrou;
Ate que o Medico disse:
  Pasmo do caso presente!
  Não vomitar quem tem feito
  Vomitar a tanta gente!
E pois que o meu vomitorio
  Nada, ou pouco lhe aproveita,
  Se quer vomitar, amigo,
  Use da sua receita.

CONTO

Do Homem, e o Macaco.

Hum Capitão de Navios
  Trouxe do Brazil hum Mono
  De condição vingativo,
  Mas fagueiro com seu dono.
O dono estimava-o muito,
  E o Macaco o conhecia;
  Disto dava o bruto provas
  Nas festas, que lhe fazia.

Trepava por elle a cima,
Catava-o de quando em quando,
Punha-lhe a mão pela cara,
De roda delle pulando.
Ao animal finalmente
So lhe faltava fallar;
Tendo o dono ao pé de si,
O seu forte era brincar.
Vio o Macaco huma vez
Seu dono matar hum gallo;
Pilhou-o fóra de caza,
Tentou tambem imitallo:
Entrou pela capoeira
Com huma faca na mão,
Foi matando tudo a eito,
E atirando para o chão.
Vindo o dono para casa,
E achando tal mortandade,
Esconjurou o Macaco,
Mais a sua habilidade;
Mas passando-lhe a paixão,
Co' hum páo o ameaçou,
Deo-lhe huma leve pancada,
E com dó delle ficou.
O bruto, que não perdeo
A pancada da lembrança,
Mesmo á bruta não deixou
De tomar delle vingança;

E pilhando no outro dia
  O dono ao pé descuidado,
  Botou-lhe com dentes, e unhas
  A cara abaixo de hum lado.
Quem dissera que por tempos
  Se mostrasse tão cruel
  Hum bruto, que parecia
  Tão submisso, e tão fiel!
Ha duas moralidades,
  Que d'aqui se hão de tirar:
  A primeira he que nos brutos
  Ninguem se deve fiar:
A segunda de que ha homens
  De huma apparente bondade;
  São huns, e parecem outros
  Por manha, e sagacidade.

A P O'L O G O.

A Pulga, e o Mosquito.

N'huma noite de Verão,
  E de bastante calor,
  Encontrou-se co' hum Mosquito
  A Pulga n'hum cobertor:

Cumprimentárão-se muito
Co' a politica devida;
E disse a Pulga ao Mosquito:
Ando aqui desfalecida;
De vossa mercê me queixo,
Que do sustento me priva;
Estou tisica, e esfalfada,
Não sei como já sou viva:
Ando por cima de leitos,
Ando nas camas de chão;
Vem vossa mercê tocando,
Começa a minha afflicção;
Se dou alguma picada,
He sempre em sustos, e medos;
Porque temo de cahir
Na ratoeira dos dedos.
N'hum individuo, que dorme,
He onde janto, onde ceio;
Mas não me presta o que como,
Pelo meu justo receio:
Se lhe chupo n'huma perna
Sempre com cinco sentidos,
Vem logo a sua trombeta
Metter-se-lhe nos ouvidos.
Acorda o que está dormindo,
Dando a cantiga ao diabo;
Se me sente, põe-me o dedo,
E entre as unhas me dá cabo.

Por tanto quero pedir-lhe
  Tenha de mim compaixão;
  Que toque á gente acordada,
  Porém á que dorme não.
O' filha, disse o Mosquito,
  Eu tambem soffro, e padeço;
  Pois levo ás vezes boléos,
  Que da vida me despeço.
Dão bofetadas em si
  Os que andão comigo em guerra;
  E se me apanhão no lance,
  Atirão comigo a terra.
Os desastres que me conta,
  Por certo me mettem dó;
  Mas he preciso tambem
  Que não queira comer só.
Nestes termos, minha rica,
  A vontade lhe farei;
  Que engorde, e que viva farta,
  He que eu muito estimarei.
Despedirão-se hum do outro:
  E o Mosquito atraiçoado
  Não fez nada do que disse,
  Que he traidor dissimulado.
Perseguia a toda a gente;
  A quem dormia acordava,
  Por emulação á Pulga
  Fazia o que costumava.

A Pulguinha muito afouta,
  Vendo hum homem a dormir,
  Ferrou-se-lhe no cachaço,
  Sem lhe lembrar o fugir.
O Mosquito pelos olhos
  A zunir muito, e a morder,
  Acordou o homem da sesta,
  Para a Pulga surprender:
Que, coitadinha! espirou,
  Acabando o seu flagello,
  Entalada entre o sobrado,
  E entre a sola de hum chinelo.
Daqui colligir se deve
  Que quando a vingança cega,
  Quasi sempre hum malfeitor
  O seu semelhante entrega.

A P O' L O G O.

O Burro, e a Ratazana.

Estava hum Burro comendo
  A' noite a sua ração,
  E huma velha Ratazana
  Quiz ter com elle quinhão.

Disse-lhe o Burro: Malvada,
Vai a outro sitio comer:
Não basta a ração ser pouca?
Mais pequena a vens fazer?
Respondeo-lhe a Ratazana:
Por hoje licença dá;
Que por estes oito dias
Prometto de não vir cá:
Eu sei mui bem que teu dono
Hum grande queijo comprou;
Espreitei onde o metteo,
E á manhã com elle dou:
Hei de fartar-me á vontade,
Roendo-lho muito bem:
Sei que a vizinha debaixo
Bolos n'huma cópa tem:
O criado, que te trata,
Tem lá n'huma parteleira
Hum grande monte de cebo
Junto dentro de huma ceira:
Lá pelas aguas furtadas
Já atinei co' huns buracos
Para saltar n'hum pombal,
E chupar pombos dos cacos.
A vista das descubertas,
Que já hoje tenho feito,
Espero passar sem fome,
Com subtileza, e com geito.

Foi tasquinhando a ração
Naquella doce esperança,
Co' a imaginada fartura
Sempre posta na lembrança.
Do Burro se despedio
Com affago, e cortezia;
E foi de rabo estendido
Para a cova, em que vivia.
Porém lá pela alta noite
Tornou depois a sahir,
E foi-se por certo atalho
Nas casas introduzir.
Andou em busca do queijo,
Porém já o não achou
No sitio, que imaginava,
Onde d' antes se guardou.
Voltou-se ao primeiro andar
Para os bolos da vizinha,
Basculhou a copa toda,
E nem hum só bolo tinha.
Cançada, raivosa, e triste
Ao quarto do moço veio;
E porque estava acordado,
Entrou com algum receio.
Saltou para a parteleira
Com o cebo no sentido;
Mas no dia antecedente
O tinha o moço vendido.

Á sahida deste quarto
Empreza foi arriscada;
Por se safar tão ligeira,
Não mammou huma arrochada.
Lá por outros escaninhos
Ao telhado caminhou,
Só para entrar no pombal,
Onde outras vezes entrou.
Mal que se pilhou de dentro,
Vio huns ninheiros mais baxos,
Ficou-lhe o olho luzindo
Co' o sentido nos borrachos.
O dono, que de outros ratos
Se via mais perseguido,
Pôz-lhe armada ratoeira
Com petisco appetecido.
Foi então que a Ratazana,
Não se podendo conter,
Cheirou-lhe a isca por fóra,
Quiz entrar dentro, e comer.
Deo voltas, metteo focinho;
Mas á dentada primeira
Ficou a pobre engasgada
Nos ferros da ratoeira.
Quanto esperava falhou,
E por mais infausta sorte,
Toda a alegria passada
Acabou nas mãos da morte.

Ha gente, que de esperanças
Fórma castellos no ar:
A' conta disto se empenhão,
Morrem sem nada alcançar.

CONTO EPIGRAMMATICO.

Hum Author compunha hum livro,
Livros velhos folheando:
Perguntou-lhe hum seu collega:
Que estás ahi procurando?
Respondeo: Como não ha
Livro algum que tão máo seja,
Que não tenha alguma cousa
Boa, que se note, e veja:
De cada hum tiro hum pouco.
Disto hum novo livro ageito,
Ficando de cousas boas
Formado hum livro perfeito.
Desta lição eu quizera
Que os homens se aproveitassem;
De cada hum imitando
As virtudes, que lhe achassem.
O homem, que isto fizesse,
Hum grande brazão teria;
Ficava sendo hum compôsto,
Que ao Mundo exemplo daria.

APOLOGO.

O Saloio, e huma Sorte de papel.

Vendo nas casas das Sortes
Premio de oitenta mil reis,
Foi hum Saloio comprar
Oito tostões de papeis:
E tudo desembrulhando
Hum Premio só não achou,
Repetio dobrando a dóze,
Da mesma sorte ficou:
Foi comprando mais e mais,
Quanto comprava perdia,
Gastou dezoito mil reis,
E delles nem bóia via.
Raivoso se foi á caixa,
Dizendo: Forte castigo!
Tirou mais seis tostões dellas,
Que era o que tinha comsigo:
Tambem lhe sahírão brancas,
E o homem desesperou;
Mas a ultima entre os dedos
Deste modo lhe fallou:
Saloio, quem quer que sejas,
Toma do mundo lição,
Todas as cousas pintadas
Como parecem não são:

Não te illudas com os Premios,
Que he natural o falharem,
E nesse engôdo emmagreces,
Para os outros engordarem:
Se o acaso der hum Premio,
Põe logo no pensamento,
Que para hum só ser feliz,
São desgraçados hum cento:
O que tira tres moedas,
Já veio vinte deixar,
E se inda não as largou,
He isca para as largar.
O que tira tres tostões,
Fica de nós muito amigo,
Sem ver que deixou o porco,
E leva a corda comsigo.
Os prudentes conceituão
Ser tudo isto huma Tragedia,
Que os felizes nestas casas
São como os Reis de comedia.
E porque em lojas de Sortes
Não gastes nem hum vintem,
Huns conselhos vou a dar-te,
Com os quaes te acharás bem.
Não olhes para as Tabellas,
Nem os mais vejas jogar,
Que se algum tem sorte em preto,
A ambição te vai tentar;

Olha sim para o dinheiro,
  Que está perdido no chão
  Em sortes desembrulhadas
  Da porta até ao balcão.
O Saloio respondeo:
  Teu desengano me embaça,
  Se se promettem fortunas
  Onde se encontra a desgraça.
A' vista disto he razão
  Que este vicio em mim se quebre,
  Fugirei de toda a casa,
  Que vende gato por lebre.

Vindo ás mãos do Author huma Quadra bastantemente conceituosa, tentou glosalla pelo seguinte modo:

QUADRA.

Dois Entes regem o mundo
Doce Amor, e Morte impía,
A Morte co' a fouce corta
Quanto Amor semêa, e cria.

GLOSA.

I.

Logo que foi construida
Esta Maquina brilhante,
Não falhou hum só instante
Na conta, pezo, e medida:
Nem podia ser falida
Obra de hum Saber profundo;
He seu creador segundo
O Tempo, que não faz pausa,
Por mando da Eterna Causa
Dois Entes regem o mundo.

2.

Hum he Amor, outro a Morte,
Cada qual com fortaleza,
Entre alegria, e tristeza
Mudão dos Mortaes a sorte:
No que hum faz outro dá córte,
Que a desordem desafia,
Disputão de noite, e dia,
A qual mais poder encerra;
Andão sempre em viva guerra
Doce Amor, e Morte impía.

3.

Nesta horrorosa campanha
Não faz figura a Razão,
Nem ha capitulação
(O que já se não estranha)
Tudo de terror se banha,
He immensa a gente morta;
E por mais que Amor a exhorta,
Sem respeito ás creaturas,
Searas verdes, maduras
A Morte co' a fouce corta.

Quando a paixão se declara
De Amor entre dois amantes,
Porque não fiquem triunfantes,
A Morte vê se os separa:
Como he das vidas avara,
Em suffocallas porfia;
De balde Amor a vigia,
Que a Morte, que tudo extingue,
Trabalha porque não vingue
Quanto Amor semêa, e cria.

Quadra, que mandou huma Senhora ao Author (talvez sem reflectir) com muito em penho, para que lha glosasse; sendo assás bem difficultosa, pelo veneno do tempo que tem comsigo, etc.

QUADRA.

Não sigas, Bella, os caprichos,
Que os Mortaes tem fabricado;
Segue as Leis da Natureza,
Felicita hum desgraçado.

GLOSA.

I.

Bella Nize, o Creador,
Que o Mundo fez, e governa,
Que com Providencia eterna
He, e foi de tudo Auhtor,
He em quem devemos pôr
Os nossos desejos fixos;
De genios que estão perfixos,
Com a maior impiedade,
Em negar esta verdade
Não sigas, Bella, os caprichos.

2.

Dar a todos a entender,
Por Fabula Ceo, e Inferno;
Que não ha castigo eterno;
Que nem premio póde haver;
Que ha só nascer, e morrer
Sem lembrança de peccado,
Bem como bruto esfaimado;
Eis a perversa doutrina,
Só para nossa ruina,
Que os Mortaes tem fabricado.

3.

Quem na Pia do Baptismo
As luzes da Fé recebe,
O bom caracter concebe
No gremio do Christianismo:
Não temer penas do Abismo
He ser de Lucifer preza:
Na Religião firmeza
He quanto a todos convem;
Inculto Gentio he quem
Segue ao Leis da Natureza.

4.

O' Deos Eterno! he possivel
Que o Christão, que tu creaste,
Dos teus preceitos se afaste,
A' tua voz insensivel!
Sua pena era infallivel
Por ter a Lei quebrantado;
Mas o teu Poder sagrado
Fallando-lhe ao coração,
O salve da escravidão;
Felicita hum desgraçado.

CHARADE.

Guarda a primeira e segunda
Dos rigores da estação ,
E guarda a terçeira as duas
Por amor , e gratidão :
As tres conchegão seu dono ,
Seja de inverno , ou verão.

CHARADE.

Não quer demora a primeira ,
A segunda he contra a fome ,
Separadas não tem bocca ,
Ambas juntas muita toca ,
Muita gente tem , que come.

CHARADE.

He criminosa a primeira ,
E aos crimes , que commetteo
Logo a segunda , e terceira
Justa sentença lhes deo ;
Porém juntando-se as trez
Entrão em tanta harmonia ,
Que o mal , que a primeira fez ,
Torna-se em grande alegria.

CHARADE.

A primeira diz aonde,
Esta, e segunda cultiva,
Evita a terceira o pó,
E de precipicios priva:
Primeira, e ultima afflige,
Nutre segunda, e primeira:
Ha nas quintas, e fazendas
A segunda co' a terceira:
O bom commodo dos homens
Nas tres syllabas se encerra
Em couza, que serve muito
Na paz, e tambem na guerra.

CHARADE.

Da primeira, e segunda se gosta,
Que he onde se chora, se folga, e se ri:
Na segunda, e terceira apparece
O aspecto da gente por bom, ou ruim;
A segunda, e terceira dá nome
A huma alta serra do nosso paiz;
Mas se as tres ajuntarmos, veremos
Hum peixe saltante na praia a cahir.

ADIVINHAÇÃO.

Eu visito toda a casa,
E co' a gente desespero,
Como com ElRei á meza
Daquelles pratos, que quero;
Seja a Dama a mais formosa,
Mais pobre, ou mais abastada,
Mesmo diante de todos
Por mim ha de ser beijada;
Ando sempre em viva guerra,
Vivo entre muito inimigo;
Mas sendo debil de forças,
Só póde o tempo comigo.

ADIVINHAÇÃO.

Não tenho sete cabeças,
Co' a que tenho me governo,
Meu rosto não tem feitio,
Até sou da côr do Inferno:
Pareço no meu sustento
Nascer no Signo de Aquario;
E a minha condição he
Semelhante á do usurario;
Morro de huma ingratidão,
Que me faz ser infeliz;
Pois dão-me a morte por paga
Do beneficio, que fiz.

Significação das Charades, e Adivinhações deste Folheto.

= *ecraeb* = *amõacar* = *ãzoccaa* = *sgausgenua* = *alacvo* = *oapaJ* = *osacm* =

A Significação destas *Xarades*, e *Adivinhações* aqui vão não por sua ordem, e até cada huma de per si com as letras trocadas, para maior confusão, e gosto de quem as adivinhar: cujos nomes escolherá para os appropriar, e collocar onde pertencerem, visto não haver outro Folheto, em que se explique, por ser este o ultimo desta Obra, que torno a advertir se deve encadernar com *a primeira Parte*, e com o *Poema do Balão aos Habitantes da Lua*; *que fica hum Livro divertido.*

Tudo se vende nas lojas: de Francisco Xavier de Carvalho defronte da rua de S. Francisco da Cidade; de Antonio Manoel Polycarpo da Silva junto ao Senado; de Antonio Xavier Moreira da Impressão Regia debaixo da Arcada; de João Henriques no principio da rua Augusta; de Antonio Pedro na rua do Ouro; de Luiz José de Carvalho aos Paulistas; e em Belém na loja da Viuva de José Tiburcio. Custa este Folheto 240; *a primeira Parte outro tanto*; *e o Balão* 160.